a Cena muda

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

CINEMA e RÁDIO

DALVA DE OLIVEIRA CASOU-SE

O novo amor de Ginger Rogers

BRANDÃO FILHO COMEÇOU NO CIRCO

N. 37 ★ 12-9-52 ★ PREÇO: Cr$ 3,00



Um acontecimento na cidade!

insinuante

está aniversariando



Salve os 22 anos da

INSINUANTE

A sapataria mais querida da cidade

MUITAS FLÔRES
MUITA ALEGRIA
E PREÇOS
BARATISSIMOS!

AT. SEMOG/.

LEVY KLEIMAN

apresenta em



CINEMA

Reportagens especiais

A HISTÓRIA DE UM BEIJO (Cinema Nacional), por Alberto Dines 4/ 5
OBRIGADOS A FALAR OS PÉS DE GENE KELLY 7
OS BONS FILMES FRANCESES SERÃO VISTOS NO BRASIL .. 11
UMA VAGA NA ACADEMIA NAVAL LEVOU JOHN WAYNE AO CINEMA (Vida de Artista) 18/19

CINE ROMANCES

LEGIÃO DOS RENEGADOS (Filme da Paramount) 12/13
A INTRUSA (Filme da Fox) ... 16/17
SEÇÕES PERMANENTES
ESTRÉIAS NO MUNDO DO CINEMA — Filmes apresentados nas telas lançadoras 6
TELAS DA CIDADE (Crítica dos principais filmes exibidos no Rio), de A. Dines 8/ 9
NOTÍCIAS e COMENTÁRIOS DO CINEMA NACIONAL, por Justus 10
CINE MUNDIAL — Novidades de todos os paises produtores 14
O QUE A TELA NÃO MOSTRA — por Livio Dantas 15
O FÃ PERGUNTA: CENA RESPONDE 20
CINECRÍTICA DO LEITOR 20

COMENTÁRIO

ARTICULA-SE O CINEMA BRASILEIRO, de A. Dines 3

RÁDIO

REPORTAGENS ESPECIAIS
BRANDÃO FILHO COMEÇOU NO CIRCO, de Milton Salles 21/23
MARLENE DEPOIS DA VAIA: — NÃO CANTAREI MAIS NOS PROGRAMAS DE EMILINHA 25
DALVA DE OLIVEIRA CASOU-SE EM PARIS, por M. Corrêa ... 27/28
A INFLUÊNCIA DA NOVELA ... 24

SEÇÕES PERMANENTES
VALE A PENA SABER (Curiosidades) 24
PONTOS DE VISTA (Opiniões diversas) 24
DISSE-ME-DISSE (Mexericos), por Mr. Kylociclo 24
DAQUI, DALI, DACOLÁ (Noticiário) 26
DISCOS E MÚSICAS POPULARES
CHACRINHA MUSICAL, de Abelardo Chacrinha Barbosa 29
PARA VOCÊ CANTAR (Os últimos sucessos) 30
RADIONOVELA
AS ROSAS DE MARIA ANGÉLICA, por José Fernandes, 2º capítulo 31/32
PÁGINA SENTIMENTAL
QUANDO FALA O CORAÇÃO, por Tia Laura 33
RÁDIO-SOCIAL 33
FOTOS
Alberto Ferreira Lima, Paramount, Metro, Flama, U.N.I.C., Republic, Fox e França-Filmes.

ARTICULA-SE O CINEMA BRASILEIRO

A próxima realização do I Congresso Brasileiro de Cinema, o evidente interêsse do Govêrno pelo futuro do cinema brasileiro, o crescente entusiasmo nas fileiras cinematográficas nacionais, tudo isto é algo que não pode ser esquecido.

O leitor de A CENA, simples fã de cinema, não pode nem deve manter-se afastado e alheio a êstes acontecimentos. Depende justamente dêle, depende de seu apoio, de sua compreensão, depende de seu entusiasmo, o erguimento do cinema no Brasil. Sem o auxílio do grande público nunca teremos a indispensável ponte entre a obra e o seu fim — o espectador

E' fato que muitos cineastas brasileiros erraram.

E como! Tomaram as suas tacanhas mentalidades como representantes do nivel mental da grande massa dos que vão ao cinema. Aproveitaram-se da boa-fé dos financistas. Aproveitaram-se da boa-fé dos espectadores. Aproveitaram-se do grande manancial folclórico, tradicional e cultural que é o Brasil, maculando-o com obras que nunca foram brasileiras, que nunca foram, de fato, OBRAS, mas sim meros folhetins baratos e vulgares.

Mas surge gente nova. Surge gente com intenções honestas. Gente disposta a criar de fato um cinema brasileiro: arte nacional, arte cultural vigorosa, espetáculo sadio, indústria lucrativa e honesta. E a êstes é necessário, é imprescindível prestigiar.

A CENA MUDA convoca todos os seus inúmeros leitores, ardentes fãs de cinema, a cerrar fileiras em tôrno do I Congresso Brasileiro de Cinema.

A. DINES

NOSSA CAPA

Tony Curtis, um dos preferidos das fãs, estrela no momento nas Telas da Cidade, o filme da Universal "Tormento da Carne", coadjuvado por Jan Sterling. E' casado com a atriz cinematográfica Janet Leigh.

EXPEDIENTE

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor-presidente **Gratuliano Brito** — Assistente **Renato de Alencar**
Chefe de Publicidade: **Severino Guimarães**
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil
TELEFONES:
Redação 22-4447
Administração e Publicidade 22-2550
Portaria 22-5602
Endereço Telegráfico: REVISTA
Distribuição e Publicidade em São Paulo: AGÊNCIA ZAMBARDINO, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1596

PREÇO e ASSINATURA

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	3,00
Assinatura anual (52 números)	Cr$	150,00
Assinatura semestral (26 num.)	Cr$	75,00
Assinatura anual sob registro	Cr$	180,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	90,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	280,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	140,00
Número atrasado	Cr$	4,00



No palco de filmagem de Agulha no Palheiro», nos estúdios da Flama, vendo-se ao fundo o galã Hélio Souto e a estrêla Fada Santoro

A HISTÓRIA de UM BEIJO

DESVENDADO O MISTÉRIO DURANTE AS FILMAGENS de "UMA AGULHA NO PALHEIRO"



Jackson de Souza, Dris Monteiro e Sara Nobre numa cena de «Agulha no Palheiro»

É muito fácil, fácil de mais, ir-se a um cinema, respaldar-se numa confortável poltrona (???) e deixar-se levar pelas imagens pintadas na tela por aquêle mágico feixe de luz. Vivemos, morremos, rimos, choramos e sonhamos conduzidos por aquela simples banda de celulóide sem nunca, nunca nos determos para avaliar o quanto de trabalho, de suor, de inteligência e de sensibilidade artística, foram nela colocados. Nunca n.s ocorreu nnterromper aquêle gostosíssimo beijo, que na tela surge detalhadamente num «big-close-up» para mentalmente perguntarmos: — «Mas que diabo, como é que se filma êste beijo?». Mas não. O beijo termina. As luzes acendem-se. A gente sai, esquece-se de que viu um filme, esquece-se de que viu uma obra (uma obra de arte, na maioria dos casos). Lembramo-nos sòmente dos beijos vistos. Recordamos sòmente os beijos trocados.

★

Mas a reportagem de **A CENA MUDA** tem algumas seríssimas intenções... Ela (nós) arvorou-se ao direito de querer martelar na mente de seus leitores, algumas noções que lhes permitam além de **babar-se** com os «troca-lábios» da tela, **babar-se** igualmente com uma bela fotografia, um inteligente **corte**, uma história bem



Outra cena de «Agulha no Palheiro» com Jackson de Souza, Dóris Monteiro, Sara Nobre e César Cruz



Fada Santoro e Roberto Batalin na nova película dos estúdios das Laranjeiras

narrada, uma interpretação convincente, uma bela partitura, etc. etc. Tentaremos fazê-lo. Sobretudo, para acabar de uma vez por tôdas com as gargalhadas com que são recebidos os filmes nacionais, as vêzes por causa de uma dissincronização na dublagem, ou outra falha técnica qualquer.

★

A Produtora escolhida foi a Flama. Sabemos que lá se roda «Agulha no Palheiro» dirigida por Alex Vianny. E já que nos propusemos ensinar, escolhemos um bom professor. Seria desnecessário enumerar as qualidades e as credenciais de Alex para isto. Os leitores conhecem-no de sobejo. Grandes «praças», êle, tôda a sua equipe, os atores da fita (estivemos com o Batalin, o Jackson e o Hélio Souto) e o publicista Clóvis de Castro que nos conduziu pacientemente pelos bastidores da Flama.

★

Fervilhava o «set». Gente p'ra burro! Para que? — perguntarão. Explicamos: aquêle beijo, precisa ser iluminado, precisa ser fotografado, para isto há o diretor de fotografia que dirige a iluminação de uma forma artistica e funcional, compõe o enquadramento e escolhe a angulação sob a qual vai ser filmada a cena, há o «cameraman» que opera a camara (uma possante Mitchel, montada num **dolly**, que a permite «panoramizar» sôbre o eixo, ou correr num **travelling** para os lados, para a frente, para baixo ou para cima). O beijo, além disso, precisa ser ensaiado (mil vêzes ensaiado!...), precisa obedecer a linha da história (que foi escrita e cenarizada — preparada cinematogràficamente — pelo próprio Alex Vianny) para isto estão o diretor e o seu assistente (Nelson Pereira dos Santos, que se prepara para dirigir no futuro), que além disso tem que supervisionar todos os outros setores para que o filme, obra de equipe, tenha uma coesão e homogeneidade. Quando o beijo está sendo filmado, o espectador quer escutar alguma coisa: um «barulhinho», uma palavrinha abafada, etc., etc., etc. E para isto, necessita-se de mais gente: o engenheiro de som e o seu assistente. Gravam num filme o som captado pelo microfone móvel, que acompanha os movimentos dos atores. Mas, ainda há mais gente; a «script-girl» ou anotadora, que toma nota precisamente de como o «take» começou ou terminou (a posição do ator, suas mãos, a gravata, etc..) para que quando se filmar a cena cronològicamente seguinte (as vêz s feita dias mais tarde), não hajam choques absurdos. Mas pensam que terminou? Claro que não! Depois de revelada a película, ela é **cortada** e **montada** na sua forma definitiva. Neste processo, um dos mais importantes da confecção de um filme, é que é dado o ritmo e a fôrça narrativa da obra. Há ainda a equipe de produção, encabeçada pelo produtor, que cuida dos importantes detalhes financeiros e materiais, planos de trabalho, etc. Há o cenógrafo que idealiza os «decors». Há o compositor que mais tarde compõe a partitura que o espectador não ouve **conscientemente,** mas que tem grande fôrça na construção da atmosfera dramática, sentimental ou cômica.

De uma forma superficial, são êstes os elementos que entram na realização de um filme.

Mas acabamos não vendo nenhum beijo. O filme do Alex, segundo suas pròprias palavras, é uma obra «limpa, humana e sadia». Gostamos desta orientação, tão pouco seguida por nossos diretores. Gostamos da realização destas idéias.

De qualquer forma, lembrem-se de como é difícil filmar aquêle beijo, e a nossa missão estará em parte cumprida.



A cantora Carmélia Alves preparando-se para a filmgem



ESTRÉIAS no MUNDO do CINEMA

"MISSÃO PERIGOSA EM TRIESTE"

Baseado na novela de Peter Cheyney "Sinister Errand", "Missão Perigosa em Triestre" é a história de um mensageiro diplomático encarregado de fazer-se êle próprio transmissor de mensagens cuja alta importância desaconselhava o uso de meios comuns como telefone, cabograma ou mesmo simples mala postal. Tyronne Power faz êsse mensageiro e tôda a tessitura da película é desenvolvida em tôrno de acontecimentos decorrentes de tão delicada missão, entre outros, o extravio de uma dessas mensagens. E' nessa altura que o filme desperta seu maior interêsse em virtude do entrechoque dos personagens centrais representados por Tyrone Power, James Millican, Hildegard Neff, Patricia Neal e Steve MacNally que se movem numa atmosfera de tensão nervosa e de muita ação.



Prognóstico: Não podemos esperar grande coisa de um filme que se apoia num fio de enrêdo calcado em fatos semi-verídicos e por isso mesmo destituído da organização dramática de uma obra de pura ficção. Contudo, não queremos dizer que "Missão Perigosa em Triestre" seja um filme comum. O filme dispõe de elementos para convencer e isso já afasta todos os temores de uma obra vulgar.

"SCARAMOUCHE"

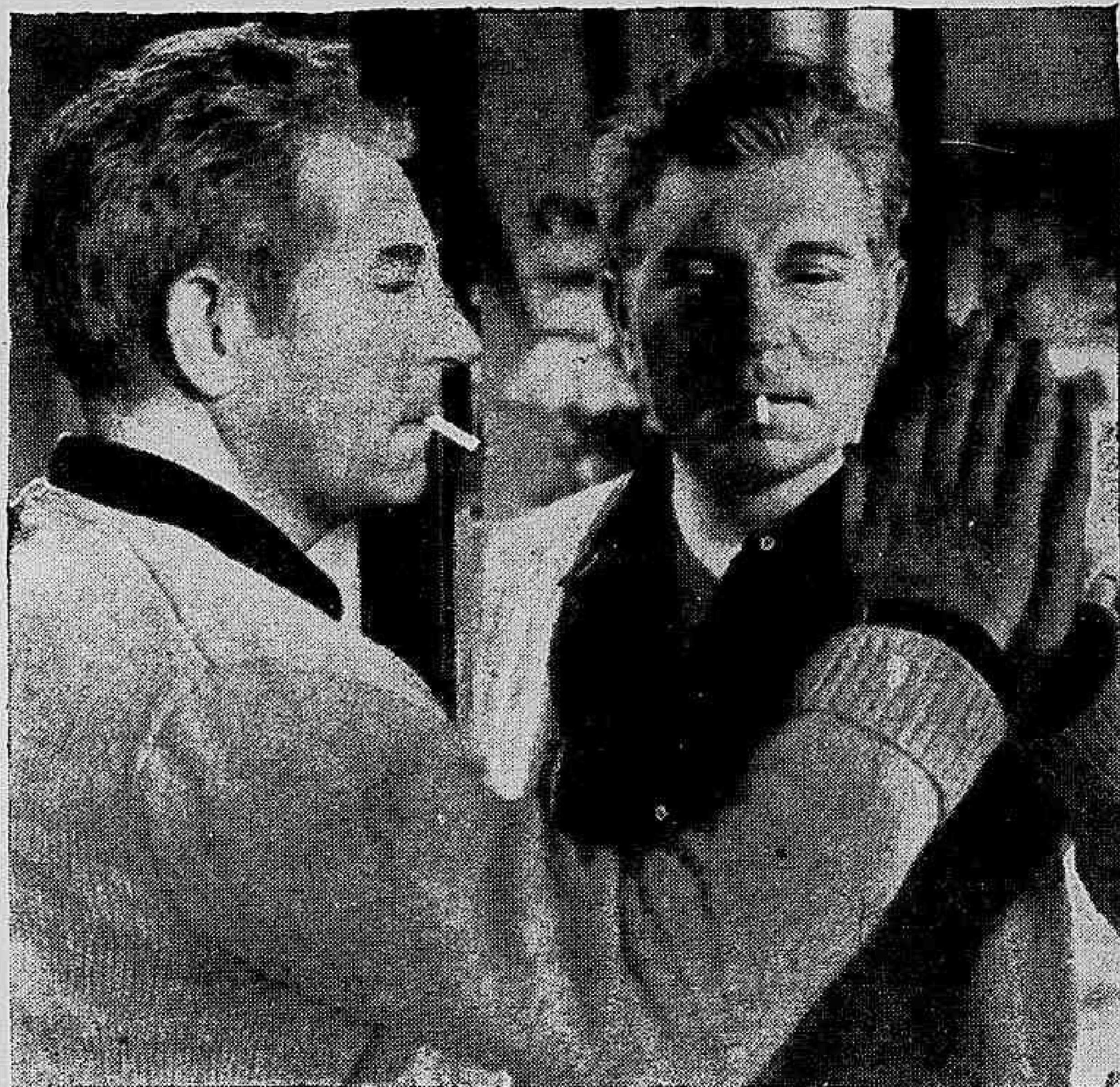
E' essa a segunda versão para o cinema do romance "Scaramouche" de Rafael Sabatini. A primeira foi realizada em 1923, em pleno período áureo do silencioso, tendo Ramon Novarro no papel título.

Esta segunda versão vem-nos com tôdas as galas do cinema moderno: luxuriante tecnicolor e uma montagem que reproduz com fidelidade o ambiente da França pré-revolucionária.

Stewart Granger vive a figura do famigerado Scaramouche que procura vingar a morte de seu melhor amigo, perpetrada pelo Marquês de Maynes (Mel Ferrer). Desenrola-se então espetacular duelo entre os dois e para fugir às autoridades o vingador se esconde sob a máscara de um palhaço juntando-se a uma "troupe" de artistas ambulantes. Aí vem a conhecer Eleanor Parker, mas é por Janet Leigh que êle cai de amôres.

Ação, romance, comédia e verve satírica são os característicos dêsse filme que nos mostra cenas de esgrima jamais apresentadas no cinema.

Prognóstico: O nome de Sabatini já é o suficiente para identificar



o gênero do filme: capa e espada, duelos, cavalgadas. Os admiradores dessas aventuras contam-se por legiões e, sem dúvida, êles encontrarão em "Scaramouche" um excelente divertimento.

"LA NUIT EST MON ROYAUME"

Afigura-se-nos essa história de Marcel Rivet uma exaltação ao otimismo e uma lição de serenidade em face dos momentos adversos da vida. Jean Gabin (Raymond Pinsard) como o maquinista da Ferrovia Nacional salva todo um comboio de uma catástrofe iminente usando no momento exato os freios de emergência. Recebe por êsse feito a condecoração da Legião de Honra, mas perde a vista por ter recebido um violento jato de vapor diretamente nos seus olhos. Cego para o resto da vida Gabin procura descobrir em sua desgraça, sensações que estavam latentes em seu espírito, enfrentando a desdita com virilidade e compreensão. A admirável criação de Gabin concorre para tornar-se intensamente real o enrêdo do filme e emprestar-lhe uma côr realista bastante apreciável.

Prognóstico: Fazemos fé nesse filme se não incidir no pieguismo tão freqüente no tratamento que os franceses costumam dar a assuntos como êste.



Gene na... água

São os pés, na realidade, que mais usos podem oferecer a um mortal, dentre as partes de seu corpo — para caminhar, para correr, para chutar, para dançar. Mas existe alguém em Hollywood — um dançarino — que ainda exige muito mais dessas maravilhosas extremidades. Seus pés têm por obrigação... falar!

"Nenhuma dança merece êsse nome, a menos que conte uma história", declara Gene Kelly. "A dança precisa de uma razão de ser. Uma dança deve conter algo. Se nada existe a dizer, nada existe para dançar.

Kelly apegou-se a tal principio desde o principio de sua carreira, quando ensaiava para o musical de Cole Porter "Leave it to me". O diretor era Robert Alton, com quem Kelly tem trabalhado freqüentemente desde que ingressou na M.G.M.

Conforme relata Alton, êste chamou a Kelly e explicou-lhe que êle devia executar um sapateado leve por entre as mesas de um restaurante.

— "Por quê?" — perguntou Kelly.
— "Porque o quê?" retrucou Alton, espantado.

— "Por que é que vou dançar?" — foi a resposta do dançarino.

— "Porque a ação é lenta, o diálogo é muito comprido e não pode ser cortado, de modo que a dança dará vida ao ambiente", explicou-lhe Alton pacientemente. "Empreste um pouco de humor patético ao número, sim?"

Nesse instante o diretor foi chamado. Quando voltou foi encontrar Kelly sentado no palco, desanimado. "Não posso fazê-lo", disse a Alton. "Não existe motivo algum para isso. Não existe nada para dizer."

Alton pensou rápido. "Mas, existe, sim", disse com veemência. "E muito. Você se sente solitário. Há uma pequena ali naquela mesa com um camarada que ela não ama. Ela, também, se sente solitária. Solitária justamente aqui, em meio a uma enorme, barulhenta multidão. Você compreende o que se passa com ela, pois você se sente da mesma maneira. Você quer que ela saiba que você compreende o que se passa com ela e que ela é bonita demais para ficar triste."

"Bolas! Porque não me disse isto antes?", exclamou Kelly, ao mesmo tempo que se levantava de um pulo e começava a criar sua coreografia. Dentro de uma hora estava completada. Durante as apresentações da peça, sua dança resultou num tremendo sucesso.

(Cont. na pág. 34)



Dançando na chuva

OBRIGADOS A FALAR OS PÉS DE GENE KELLY!





Kelly bate um papo com Fred Astaire e Donald O'Connor, num dos intervalos de filmagem

 Kelly numa bela cena em «Cantando na Chuva»



TELAS DA

O PÁRIA DAS ILHAS

(THE OUTCAST OF THE ISLANDS)

O apreciador atento há de lembrar-se de três filmes que, nestes últimos anos, surgiram na tela e que se gravaram definitivamente em sua memória. São êles — "O Condenado", "O Terceiro Homem" e "Ídolo Caído". Lembrar-se-ão, igualmente, na certa, do nome do seu realizador: Carol Reed, que a própria publicidade cuidou em divulgar. "O Pária" é também de autoria dêste diretor inglês que vem-se impondo dia a dia por seu grande conhecimento de cinema e por outro lado por seu virtuosismo em aplicá-los. Suas obras, são *Cinema* na acepção mais completa e moderna da Arte, sem cair em teatro, em literatura, ou em "purismo" de imagens. Êle usa a *montagem*, a *fotografia*, o *cenário*, sem superioridade de um sôbre o outro, conseguindo o alto grau de síntese que o cinema carrega verdadeiramente dentro de si. Apesar disto, as suas obras nos surgem, se bem que ocupadas com falsas côres literárias, vazias de um conteúdo mais profundo e mais sadio. O interessante dêste filme é que Reed mudou sensivelmente de estilo, conservando entretanto as mesmas côres pessimistas e negativas em sua história. O virtuosismo, o malabarismo cinematográfico que antes transbordava de suas obras, foi substituido por um virtuosismo humano, que continua sendo falso e errado. Quem viu o filme, há de recordar-se na certa, de como êle joga com o fator hu-

(*Cont. na pág.* 34)



MINHA FILHA

(OPERATION X)

A história de um milionário, antigo engraxate, pobretão, cuja maior ambição é conquistar o mundo, é o tima desta película dirigida por Gregory Ratoff. Não deixa de ser apaixonante e interessante qualquer história que aborde o problema do "self-made-man", a luta pela sobrevivência, tornada usualmente na luta pelo esmagamento do próximo. Mas exatamente esta facêta é esquecida pelo cenarista e diretor, desvirtuando por completo a obra.

Outro ângulo que poderia interessar vivamente qualquer público, dada as suas condições e ao mesmo tempo mostrar a estrutura social presente, seria o de focalizar "como" e através de que meios galgou o antigo engraxate a posição e riqueza. Mas nenhum dêstes aspectos foi captado pelo filme. O que o torna imensa e intensamente desinteressante, sobretudo, por aquela inverossimil inclusão da arma atômica.

Gregory Ratoff (tipo de nome dasagradável para alguém ser batizado) não conta em sua filmografia grandes obras, com exceção de "Intermezzo", um dos primeiros trabalhos de Ingrid Bergman em Hollywood.

No principal papel está Edward G. Robinson, um dos maiores atores dos Estados Unidos, quer no palco, quer na tela, qu, por razões desconhecidas, "mas adivinháveis" estêve afastado da tela por longo tempo. Robinson, ator de grande versatilidade, compõe òtimamente bem o tipo do milionário, usando a expressiva máscara facial como uma de suas principais armas interpretativas. No "suporting-cast" temos Peggy Cumings e Richard Green, ambos discretos. A fotografia de George Perinal, um dos maiores fotógrafos europeus, nítida e homogênea. Bons "decors".



OS FILHOS dos MOSQUETEIROS

(SONS OF THE MUSKETEERS)

Esgotados, passados e repassados os clássicos da literatura de capa-e-espada que encheram a nossa infância fantasiosa com suas movimentadas aventuras, passam os produtores americanos, à falta de outro manancial de temas, a explorar os filhos daqueles heróis. Filhos de Robin Hood, Filhos de Monte-Cristo, Filhos dos Mosqueteiros, etc., etc.

Estamos diante do caso dos "Filhos dos Mosqueteiros", que revivem, quase sem novidades, as correrias de seus augustos progenitores. Como nota de originalidade, enfiaram nas vestes do filho do mosqueteiro Athos, como em todos os filmes do gênero, uma linda moça, que passa como homem, mas depois (é claro) é descoberta, e além disso é ótima espadachim, valente lutadora e ardorosa amante.

Que querem? O filme, apesar de batido por algumas dezenas de outras versões, mantém a atenção do espectador que, na falta de brigas e movimento na sua vida cotidiana, vibra com as da tela, que na falta de beijos na sua vida rotineira, deleita-se com os da tela, que na falta de uma vida rósea, bonita e feliz, encanta-se com o tecnicolor o "Happy-end" da tela.

Cornel Wilde, que começou como Chopin, demonstra sua coerência, atuando pèssimamente em todos os papéis que lhe são confiados. Mas as mocinhas suspiram...

Maureen O'Hara, bem Maureen é uma ótima espadachim.

CIDADE





TELEFONEMA de um ESTRANHO

(PHONE CALL FROM A STRANGER)

Jean Negulesco é um nome famoso entre os diretores de Hollywood. Mesmo o simples fã há de ter em seu arquivo (vocês não têm? Ora, aconselho a fazerem um; é o passo inicial para quem se interessa por cinema), a indicação de algumas de suas obras: "Homoresque", com John Garfield, "Homens que foram feras", com Claudete Colbert, aquêle recente e fraquíssimo "Lidia Bailey" e, finalmente, "Telefonema de um Estranho", que se perfila, talvez, no primeiro lugar em sua filmografia.

"Telefonema", pode-se dizer, é um filme de episódios, muito semelhante a "Carnet de Baile", de Duvivier, gênero êste esquecido por muito tempo e que agora, no último ano, vem sendo intensamente utilizado. O filme conta a história de um advogado (Gary Merril) que abandona sua espôsa e filhas e toma um avião numa noite chuvosa. No aeroporto e mais tarde no avião, apesar de sua tristeza, conhece três outras pessoas (Kennan Wynn, Shelley Winters e Michael Rennie), e os quatro acabam formando um grupo que êles próprios denominam de "Quatro Mosqueteiros". Trocam-se cartões de visitas, tornam-se íntimos e combinam (muita à la americana) encontrar-se no ano seguinte para comemorar o encontro. O advigado vem a saber de suas histórias e dramas. Depois de uma acidentada viagem, o avião cai. Morrem todos os passageiros, com exceção de três. Gary Merril, entre êles. Os outros companheiros morrem. Com os cartões no bôlso e as suas histórias pesando-lhe no coração, êle passa a procurar as famílias de seus falecidos companheiros. Participa, então, e resolve os problemas que os afligiam. Percebe igualmente a grandeza dos dramas e sente que êle, o único que sobrevivera, tinha a possibilidade de resolver o seu problema, remediar a sua vida. E remedeia-a (no último episódio, com Bette Davis). O filme termina com um "happy-end" muito bem dosado e oportuno.

Poucas foram as vêzes em que vimos um filme concebido e realizado com tanta sutileza, com tanta maestria, inteligência e sensibilidade. Com a cenarização de Nunelly Johnson — um dos maiores cenaristas de Hollywood — o filme tem uma narração fluente, os detalhes são hàbilmente jogados e mantidos perceptíveis, importantes e decisivos. Apesar de quatro "flash-backs" — retrocessos na narração — o filme não tropeça nêles. E' exatamente nêles que reside a grande sutileza do cenarista e diretor. Dois dêles são verídicos, verdadeiros. Decorrem e são narrados normalmente. Mas os outros dois são falsos. E para marcá-los, Negulesco inicia-os com uma *fusão* de película negativa com positiva, dando um grande efeito. Sobretudo, êle os marca com a própria forma de narrá-los, onde fica patenteada a mentira de quem os conta. Lembram-se como no "flash-back" contado pela sogra de Shelley Winters, ela (Shelley) representa de uma forma caricata e falsa, e a sogra surge com um ar e roupas de santa? O mesmo pode-se dizer do "flash-back" em que Gary Merril mente para a acima-citada sogra, contando os êxitos de Shelley na Broadway.

Além dêstes golpes de sutileza na narração, os méritos do filme não se resumem sòmente a isto. A sua história, o seu conteúdo, apesar de corriqueiro, comum, doméstico, tem, apesar e por causa disto, uma grande fôrça, porque repousa no real, na verdade. Os diálogos são ótimos, permitindo grandes tiradas interpretativas, mas conduzidas sempre sóbria e seguramente. O elenco... Bem, o elenco é... é... (faltam adjetivos)... simplesmente ótimo. Não há nada empanando o seu desempenho, a começar por Gary Merril, espôso de Bette Davis, que vem-se impondo dia a dia por sua excelente máscara e talento, até ao cômico Kennan Wynn, que aparece fugazmente. Shelley Winters, apesar do insucesso da semana passada, mostra novamente a grande atriz que é. (Nós não tínhamos dito?). Bette Davis num grande papel, sem os trejeitos habituais de Bette Davis. O filme completa-se com uma excelente equipe: fotografia sóbria de Milton Krasner e uma ótima partitura de Franz Waxman, (um dos maiores músicos de Hollywood) que dá grande fôrça às situações do filme.

LUVA DE FERRO

(THE GREEN GLOVES)

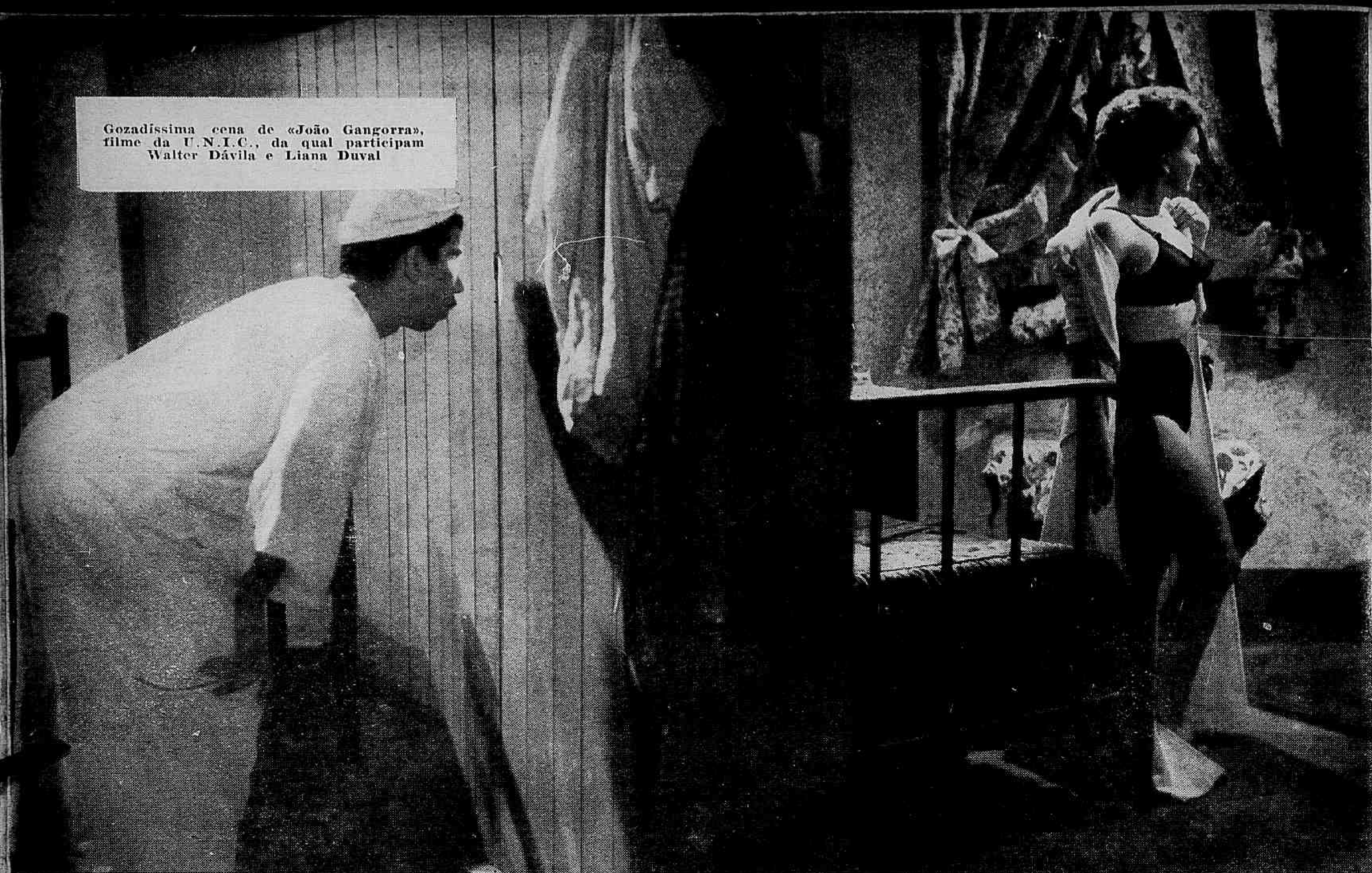
A história do cracoviano Rudolph (Ruddy) Maté é interessante. Começou como diretor de fotografia. Ficou célebre por seu trabalho na obra de Teodore Dreyer — "A Paixão de Joana D'Arc" — que o credenciou como um dos maiores fotógrafos de cinema.

Mais tarde, bem mais tarde, ingressou na direção. Fêz alguns filmes interessantes, notadamente no gênero policial semidocumentário. Tudo indicava e fazia prever uma evolução em sua carreira artística. Mas não. O que fêz foi ingressar no mais flagrante comercialismo de filmes orientais, pseudocientíficos, fracos "westerns" e coisas no gênero.

"A Luva de Ferro" faz parte desta safra de maus filmes. Rodado em parte na França, nem por isto deixa de apresentar um fraquíssimo índice cultural e artístico. Interpretação deficiente. História banal, tratamento débil. Eis a ficha completa.







Gozadíssima cena de «João Gangorra», filme da U.N.I.C., da qual participam Walter Dávila e Liana Duval

Notícias e comentários do cinema nacional

A. DINES

Constituiu um grande sucesso a primeira realização pró-Congresso Brasileiro de Cinema, no Cine Presidente, gentilmente oferecido por seu proprietário, Sr. Segreto, no sábado, dia 30, à meia-noite. Contando com a participação de elementos de destaque no cenário cinematográfico carioca, entre atores, diretores, produtores, críticos e técnicos, foi apresentada a "première" do filme gaúcho "Vento Norte", produzido, dirigido e fotografado (excelentemente fotografado, diga-se de passagem), por Salomão Scliar, acompanhado pelo já famoso documentário " Sêcas", de I. Rozemberg. Antes da exibição, foi realizado um leilão americano onde brilharam entre os "leiloeiros": o simpático Jackson de Souza, José Lewgoy (um grande "praça" êste nosso vilão), Patricia Lacerda (que linda!), Berta Scliar (que atua igualmente no filme) e Yolanda (cuja graça e desembaraço foram as causas da grande soma alcançada).



Graça Melo ameaça Walter Dávila no filme «João Gangorra», dirigido por Alberto Pieralisi

★

O grande cineasta brasileiro Alberto Cavalcanti, responsável, em grande parte, pelo desenvolvimento artístico e industrial de nosso cinema, deu "mancada" na sessão do Círculo de Estados Cinematográficos de 1 de Setembro, quando se referiu ao I Congresso Brasileiro de Cinema, de uma forma um pouco depreciativa e pejorativa.

— Para que isto, Sr. Cavalcanti? Se tôdas as nossas esperanças repousam no senhor, se graças ao senhor existe um projeto, em vias de aprovação, do I.N.C., por que então empanar o já conseguido com uma atitude impensada?!...

★

Numa festa patrocinada pela Associação Atlética do Grajaú e oferecida por nossos confrades do "Jornal do Cinema" ao Cinema Brasileiro, foi anunciado pùblicamente o noivado de Emílio Castelar com a franco-brasileira Jocelyn do Carmo. Lamentos e suspiros de decepção de ambos os sexos coroaram a comunicação.

★

Por algumas semanas sòmente, atuou no palco do Serrador o galã Herval Rossano. Chamado à última hora para substituir um dos principais personagens, Rossano fêz indiscutivelmente um ótimo trabalho.

★

Igualmente na "troupe" da Eva (parece até propaganda!...) atua Fernando Tôrres que, apesar dos pequenos papéis, compõe excelentes tipos em ótimos trabalhos. O simpático Fernando, que criou o já consagrado programa "Falando de Cinema", na Rádio Ministério da Educação, é um dêstes jovens atores que, no cinema, poderia fazer grandes coisas. (Se êstes produtores tivessem olhos!...). Aliás, êle com a sua noiva Fernanda Montenegro formam um dos mais simpáticos casais da jovem geração teatral carioca.



Cena do filme: «Sinfonia de uma Cidade»

OS BONS FILMES FRANCESES SERÃO VISTOS NO BRASIL

Corre pela cidade uma notícia muito exagerada sôbre a não exibição, no Brasil, de bons filmes franceses. Para provar que esta notícia não diz bem a verdade, exporemos aqui algumas das melhores produções francesas, recém-chegadas, e que a França Filmes apresentará brevemente ao público do Rio e de outras cidades do país.

Há um velho ditado que diz: «Pelos dedos conhecemos os gigantes». No cinema dizemos: «Pelos realizadores conhecemos os bons filmes». Sendo assim, o que diremos das seguintes produções assinadas pelos maiores mestres da Sétima Arte, em França?

«SINFONIA DE UMA CIDADE» (Sous Le Ciel De Paris) - A verdadeira Paris diante de nossos olhos: com suas luzes, suas tragédias, suas alegrias e seu ritmo maquinal... São 24 horas da vida da Cidade Luz em um filme soberbo!

Protagonizado por: Brigitte Auber, Christian Lenier e a menina Marie-France, a maior artista infantil apresentada pelo cinema. Argumento e direção de: Julien Duvivier. Cenarização de: René Lefèvre e Julien Duvivier. Fotografia de: Roger Corbeau.

«A FAVORITA DO BARBA AZUL» (Bérbe Bleue) — Maliciosa sátira ao lendário «Barba Azul», filmado em côres pelo novo processo «Gevacolor». Protagonizado por: Cécile Aubry e Pierre Brasseur. Direção de: Christian Jaque. Diálogos de: Henri Jeanson. Fotografia de: Christian Matras.

«PRIMAVERA DE ESCANDALOS» (Clochermele) — Sátira deliciosamente humorística à burocracia governamental e ao modo de vida de uma pequena cidade francesa, Clochemerle, em 1923. Aliás, esta sátira bem que poderia ser aplicada a muitas cidades brasileiras de hoje. Protagonizado por: Felix Oudart, como o cura Panosse; Simone Michels, como a leviana Judith; Orbal, como o farmacêutico tarado Poliphard; Jane Marken, como a simpática Baronesa de Courtebiche e outros. Direção de: Pierre Chenal. Fotografia de: Robert Febre. Música de: Henri Sauguet.

(Cont. na pág. 34)



Cena do filme «A Favorita do Barba Azul», com Cécile Aubry e Pierre Brasseur



CINE-ROMANCE

"LEGIÃO dos DESESPERADOS"

(HIGH VENTURE)



PERSONAGENS:

Pete Black	JOHN PAYNE
Jacob Karns	DENNIS O'KEEFE
Rose Billings	ARLEEN WHELAN
Curley	FRANK FAYLEN
Myra Johnson	MARY ANDERSON
Michael Karns	PETER HANSON
Mike	RICHARD ROBER
Nellie	MARY BETH HUGHES
Papai Ludwig	GRIFF BARNETT

Em tecnicolor — Direção de Lewis R. Foster — Produção Pine-Thomas — Fotografia de Loyal Griggs — Argumento de Lewis R. Foster, baseado numa novela de Nedrick Young

A situação seria desesperadora, irremediável mesmo, se não fôsse a grande fôrça de vontade do resoluto Pete Black. Dos seis fugitivos, sòmente êle ainda possuía suficientes fôrças para liderá-los, carregando a carabina e amparando o prêto Rainbow. Os outros vinham mais atrás: Pike, Burke, Curley e Ramon, êste ainda com as roupas listradas e os restos da algema nos punhos.

Quase mortos de sêde e cansaço, encontram-se com uma caravana, dirigida por Jacob Karns, calmo e jovem pioneiro que segue em demanda à Califórnia, com o objetivo de formar ali

uma nova comunidade. Integrando o grupo se encontram a bela Rose Billings, chorosa ainda pela recente morte de seu pai; a família Johnson; Pop e Mom Brennan; Mamã e Papá Ludwig; o irmão mais moço de Jacob, Michael, a professôra solteirona Miss Swingate, e Nellie McBride, uma loura um tanto sofisticada.

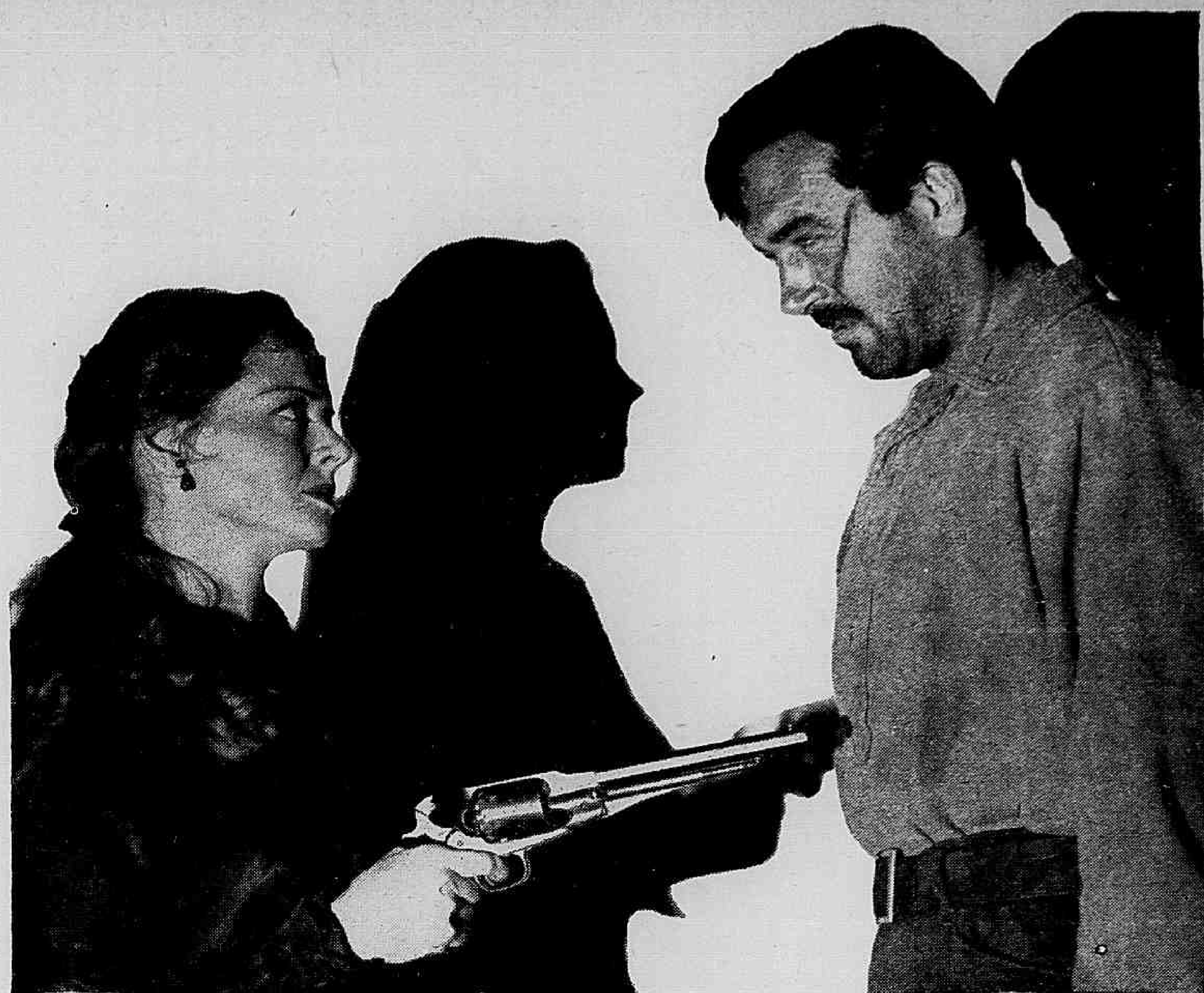
Roubando os poucos rifles que os viajantes levavam, Pete força Jacob a partir, com atitudes bruscas e ríspidas, nem mesmo dando tempo a que fôsse enterrado o filhinho dos Johnsons, que acabara de falecer por falta de conveniente assistência médica. Johnson se retarda, fazendo o entêrro, e quase sucumbe de fome e sêde tentando alcançar seus companheiros que seguiram em marcha forçada, por imposição de Pete.

Revidando uma afronta de Pete, a bela Rose tenta açoitá-lo num assomo de raiva, mas não o consegue, pois Pete, deslumbrado embora com a beleza da moça, reage violentamente, tirando o rebenque de suas lindas mãos. Rose declara que o odeia, mas o certo é que nasce entre os dois uma grande paixão, se bem que ambos se recusem a aceitar a realidade dos fatos.

Contra a sensata opinião de Jacob, Pete insiste em que a caravana atravesse «Alkali Flat», uma selvagem e sêca região que torna bem mais curto o trajeto a ser realizado, mas que exigirá um maior sacrifício da parte dos que ousarem enfrentá-la. O calor concorre para aumentar o tormento daquela legião de desesperados. E, como se não fôssem poucos os azares, uma carroça se quebra e é abandonada no caminho, juntamente com sua carga. A vaca que fazia parte da caravana única fornecedora de leite para todos, morre numa tempestade de areia, deixando sem alimento o bebé de Michael e Minna, que vem a falecer por falta de nutrição. A pobre mãe apresenta sintomas de alienação mental, fazendo jus a cuidados especiais por parte de seus amigos.

Mas a caravana prossegue, apesar dos infortúnios. Uma chuva prolongada e intensa transforma o vale num lamaçal escorregadio e perigoso, atolando as pesadas carroças. Para aliviar o pêso dos veículos, Pete ordena que sejam jogados fora todos os móveis e utensílios que constituem a carga dos infelizes retirantes. Rose fica desolada, pois o seu único tesouro é representado pelos vestidos que ela guarda num baú. Pete consente que retenha a roupa em seu poder, e aproveita a ocasião para roubar-lhe um beijo. Emocionada com o gesto audacioso de Pete, Rose veste o seu mais belo traje numa homenagem ao homem que conquistara seu coração. Tal atitude provoca viva repulsa nos demais componentes do grupo.

Ao cair da noite, já acampados para a sesta, Pete e Jacob travam uma violenta luta, saindo vencedor o calmo e ponderado Jacob, o que espanta ao próprio Pete. Os demais malfeitores, Curley, Pike e Ramon, não podem ocultar sua surprêsa quando Pete, em vez de matar o pastor, devolve-lhe o comando da caravana. E quando Pete impede que êles roubem a caixa de dinheiro pertencente ao grupo, os miseráveis tentam matá-lo, no que são impedidos por Jacob. Rose toma a si o encargo de tratar do ferimento de Pete.



Finalmente, após escapar a um furioso ataque dos índios, a caravana chega às terras auríferas cognominadas de «A Enseada dos Anjos». Rose, apaixonada por Pete, suplica-lhe para que êle a leve em sua companhia. Mas o rapaz, praticando talvez a primeira ação decente de sua vida, finge não se interessar pela moça e aconselha-a a voltar para Jacob..

Os componentes da caravana, que não estão interessados no ouro e sim nos trabalhos da lavoura, resolvem permanecer naquelas terras, dando início a uma nova comunidade. Pete e seus asseclas decidem ficar mais algum tempo com o grupo, do que se aproveita Jacob para tentar regenerá-los. Quis o destino que Pete, para salvar os componentes da caravana de um ataque dos bandidos que o acompanham, venha a encontrar a morte num combate feroz. Rose, vendo desaparecer de todo a chama daquele amor impossível, aceita a proposta de casamento que lhe faz o bondoso Jacob.









Aqui vemos Stewart Granger, recebendo, no «set» de «Scaramouche», em quando êsse novo tecnicolor da M.G.M. estava sendo rodado a visita de sua espôsa, Jean Simmons

CINE-MUNDIAL

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ESTADOS UNIDOS

O veterano cineasta Cecil B. De Mille, depois de anunciar aos quatro ventos que se retiraria definitivamente do cinema, protelou essa decisão por mais alguns anos. De Mille estuda, no momento, as possibilidades de rodar um grandioso filme sôbre o Escotismo.

Tendo como motivo a história do cinema americano, será realizada em Hollywood a película «The Mogul». Os papéis principais serão confiados ao ator John Lund e à estrêla de televisão Maria Riva (filha de Marlene Dietrich).

Walt Disney vem de programar tôda a sua produção a ser elaborada até o ano de 1955, compreendendo três desenhos de longa metragem, dois filmes também de longa metragem, com atores verdadeiros, além de 54 desenhos de curta metragem. Para breve, Disney iniciará na Inglaterra os trabalhos de «When Knighthood was in flower», filme com personagens reais, sôbre os Cavaleiros da Távola Redonda.

A «premiére» em Hollywood de «Entre Duas Lágrimas» («My Son John») constituiu um dos mais empolgantes acontecimentos da capital do cinema. Dois fatôres contribuiram para que se criasse uma desusada espectativa em tôrno dêsse filme: o reaparecimento de Helen Hayes, após 17 anos de ausência das telas, e a atuação do falecido Robert Walker. Comenta-se que a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas terá de conceder um «Oscar» póstumo aos herdeiros do saudoso artista, tão brilhante é o seu desempenho em «Entre Duas Lágrimas».

FRANÇA

Respondendo às películas americanas «Sansão e Dalila» e «David e Betsabá», o produtor Max Class realiza, nos estúdios franceses, «Chemin de Damas», com uma montagem que em nada fica a dever a seus congêneres hollywoodeanos. Evidentemente, a Bíblia é um grande «bestseller».

Na Semana do Cinema, em Vichy, há pouco levada a efeito, sagraram-se vitoriosos o filme francês «Monsieur Taxi», com Michel Simon, e o italiano «Anna», com Silvana Mangano.

INGLATERRA

A crise do cinema britânico parece difícil de ser contornada. Há pouco mais de um mês, os estúdios de Wolton Hall de Londres, onde se rodaram filmes famosos como «O Terceiro Homem» e «Uma Aventura na África», foram vendidos à Junta Nacional de Carvão. São êsses os terceiros estúdios que, no espaço de um ano, são desviados de suas finalidades cinematográficas em proveito de diferentes indústrias.

ITÁLIA

A vida de Cleópatra, do Egito, será mais uma vez apresentada no cinema, através do filme — «L'Egiziana» — em que o diretor Alessandrini empregará atores italianos, egípcios e americanos.

MÉXICO

Pela primeira vez em tôda a sua carreira artística, Dolores del Rio trabalhará no teatro. A estrêla mexicana interpretará a figura de Ana Karenina nos palcos da capital azteca.

PORTUGAL

Projeta-se construir uma cidade do cinema em Estoril. Êsse empreendimento, que contará com quatro gigantescos estúdios será destinado não sòmente às produções portuguêsas como também à indústria fílmica francesa, belga e alemã, cujos países cooperarão para a concretização da vultosa obra.

RÚSSIA

O Ministério da Cinematografia da URSS revisou e aprovou o filme «Pela Felicidade dos Meninos». Trata-se de um documentrio de longa metragem, apresentando episódios da vid· das crianças nos países do hemisfério ocidental, em contraposição com a vida das mesmas nos países da órbita soviética.



A camera indiscreta colheu êste flagrante no «Festival de Veneza»: Gingers Rogers com a sua última conquista o artista francês Jaques Bergerac, quando jantavam juntos num restaurante de Veneza, num dos intervalos do Festival Internacional de Cinema (Foto Keystone)

O QUE A TELA NÃO MOSTRA...

por LÍVIO DANTAS

Ora, muito bem, que já nos pilhamos novamente a escrever sôbre Marilyn Monroe, por quem sentimos nascer uma recôndita simpatia. E' que temos o mau hábito de tomar sempre o lado das pessoas indefesas, eis-nos pois arrastando uma asa por Marilyn. Sim, porque agora ela é vítima do ódio de todo mundo. Do ódio dos jornalistas, por um dever profissional dêstes; das mulheres, por possuir a "vamp" último modêlo, alguma coisa que elas não possuem; do público em geral por se sentir ludibriado com tanta conversa fiada e do ódio formidando dos produtores por temerem que a moça não corresponda, em têrmos monetários, à bem organizada publicidade que se faz em tôrno de seu "sex appeal".

★

Falando-se de má educação, há várias histórias gozadas sôbre artistas de cinema. Dizem que Yvone de Carlo tem sido personagem de muitas delas, coisa em que não queremos absolutamente acreditar. Também não estamos aqui para espinafrar as deficiências alheias, pois vamos nos referir aos bons modos e não aos feios de Edwiges Feuillére e de Jean Pierre Aumont que acabam de ser aclamados campeões de boa educação e de gentilezas. Edwiges e Aumont são os únicos artistas de cinema que atendem telefonemas desmanchando-se em desculpas pela maçada de reles minutinhos que deram. Além disso, de conformidade com o gênero humano que está no outro lado, êles têm sempre o cuidado de distribuir beijos e carinhos anexos a seus interlocutores. Mas, pelo fio telefônico — é claro.

★

Stewart Granger é mesmo uma criatura singular. Começa por dar um trabalho imenso aos diretores quando sob as ordens dêstes e termina por ter muita vergonha da profissão que escolheu, apesar do grande artista que êle é. Coisas da vida, pois existem tantos atores que deviam envergonhar-se de serem atores, e. . . nem se "mancam".

★

Maria Felix não tem nenhuma vaidade em ser bonita e costuma ouvir com pleno indiferentismo êsses elogios, quando feitos de corpo presente. A vaidade que Maria alimenta com muito desvêlo é a de ser uma grande artista e de portar-se como tal. E como grande artista, ela ou nunca assina autógrafos ou os assina a torto e a direito. De preferência éla assina-os a torto e a direito, sem escolha de circunstâncias. Aí é que está o seu mal, pois. se tivesse pensado duas vêzes, jamais teria assinado autógrafos diante do esquife de Eva Perón, evitando (palavra de honra, não é trocadilho) aquêle escândalo que correu mundo.

Alida Valli sempre foi conhecida como uma moça que sabe usar a cabeça. Mas, depois que voltou de Hollywood, ela anda dedicando fotografias em inglês. E isso lá na Itália, seus país natal. Francamente. . .

★

Essa história de se dizer que fulano e beltrano vão casar porque estão fazendo um filme juntos, já está se tornando um método de propaganda barata em que ninguém mais confia. Às vêzes, as últimas pessoas a saberem de que tudo não passa de mera publicidade são mesmos os heróis e as heroínas dêsses falsos romances. Farley Granger. por exemplo, só se desiludiu de Shelley Winters quando a viu enroscada nos braços de Vittorio Gassman, a muito custo compenetrando-se de que aquêle idilio era tão sòmente um expediente comercial. Guardadas as devidas proporções, temos também, no cinema nacional, um romance de faz-de-conta entre Miro Cerni e Fada Santoro. Juntos os dois trabalharam em "Fôrça do Amor" e daí nasceu o boato. Na verdade, Miro Cerni é o noivo de Ilka Soares e Fada parece que ainda está em franca elegibilidade. Entretanto, não duvidamos que um dia êles terminem como marido e mulher. Quem sabe?

★

Depois que Gary Cooper terminou "Distant Drums" perguntaram-lhe que tal lhe parecia a artista Mari Aldon. "Quem é?" Retorquiu Mr. Cooper. Ora, todo mundo sabe que Mari Aldon foi a companheira de Gary de menor popularidade naquele filme e só mesmo um sentimento de auto-suficiência levaria o velho astro a desconhecer uma colega. Mas, isso são coisas que a tela não mostra. Fim.





CINE-ROMANCE

A INTRUSA

(JAPANESE WAR BRIDE)

CORPO TÉCNICO: Produtor, Joseph Bernhard — Co-produtor, Anson Bond — Diretor, King Vidor — Argumento, Catherine Turney — Fotografia, Lionel Lundon, A.S.C. — Música, Emil Newman, Arthur Lange — Editor Fílmico, Terry Morse, A.C.E. — Gerente da produção, Pery Ikerd — Som, Vic Appel, Ed Borschell — Decorador, Murray Waite — Maquilage, Gene Hibbs — Guarda-roupa, Izzy Berne, Adele Parmenter — Assistente do Diretor, Wilbur McGaugh

ELENCO

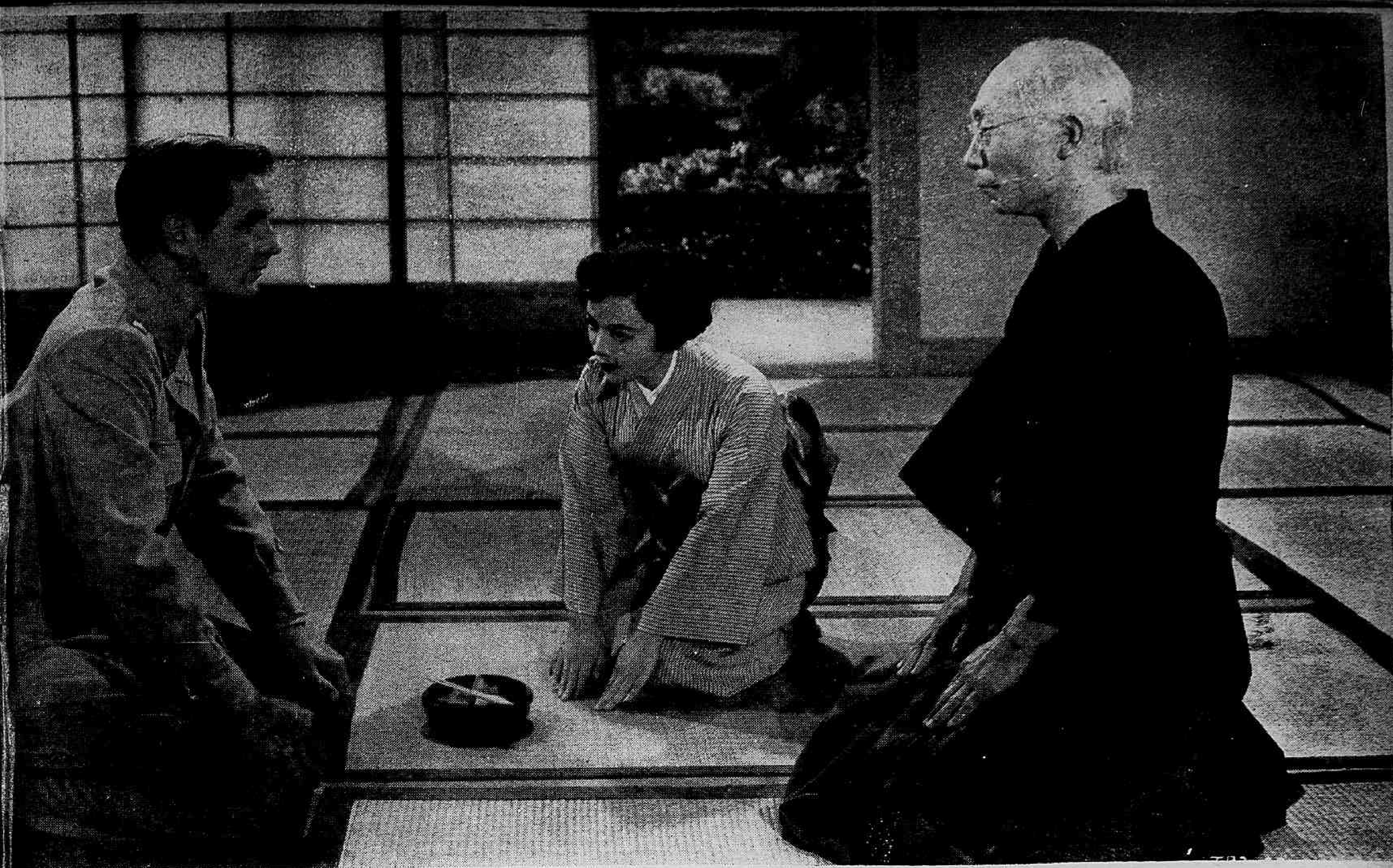
Tae Shimizu ...	**Shirley Yamaguchi**
Jim Sterling ...	**Don Taylor**
Art Sterling	**Cameron Mitchell**
Fran Sterling ..	**Marie Windsor**
Ed Sterling	**James Bell**
Harriet Sterling.	**Louise Lorimer**
Emily Shafer ..	**Sybil Merrit**
Shiro Hasagawa	**Lane Nakano**



Jim Sterling, um soldado americano lutando na Coréia, é ferido. Enquanto se restabelece, num hospital, êle é atendido por uma jovem enfermeira japonêsa, Tae Shimizu, por quem se apaixona. Êles se casam e Jim leva-a para a América, para a casa de seus pais, na Califórnia, onde os recém-casados são saudados por diferentes sentimentos. Os pais de Jim fazem todo o possível para aceitarem a encantadora noiva como também assim o fazem seus irmãos Ted e Art. A espôsa dêste último, Fran, que estivera apaixonada há tempos por Jim, se sente ainda fortemente atraída pelo rapaz, mostra desde o começo que pretende criar uma situação difícil para Tae.

Enquanto esperam que o seu lar seja construído, Tae e Jim ficam morando com os velhos Sterling onde também moram Art e Fran. A despeito da hostilidade de Fran e de outros infelizes incidentes com os vizinhos e amigos da família, Tae se esforça em se adaptar ao estranho e novo ambiente, sendo a sua única distração,

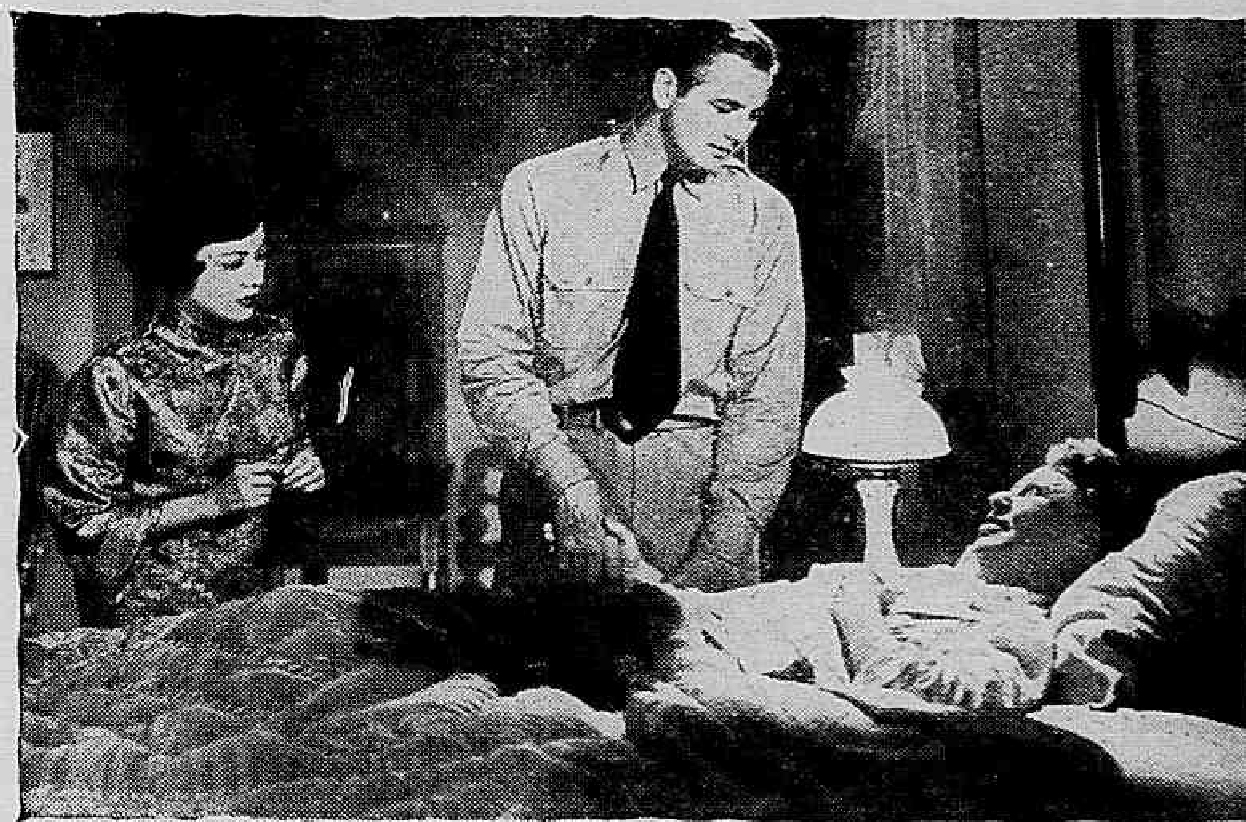




a sua nova amizade com alguns vizinhos dos Sterlings, os Hasagawas — Shiro, Ema e seu pai — também japonêses

Antes da casa ficar pronta, Tae dá à luz a um filho, para grande alegria de Jim que adora a sua jovem espôsa e para o desespêro de Fran que não fêz nenhum esfôrço para esconder a sua repulsa pelo "baby" japonês. Logo depois do nascimento da criança o pai de Jim recebe uma carta anônima insinuando que o pai da criança não é Jim e sim Shiro Hasagawa. Quando Tae vem a saber desta infâmia, parte levando seu filho e vai procurar refúgio em casa dos Hasagawa. O seu orgulho havia sido profundamente ferido e ela sente que os obstáculos à sua felicidade são intransponíveis. Ao saber da fuga de sua espôsa, Jim sai ao seu encalço mas, antes de partir descobre que fôra Fran a autora da carta e o instrumento de todos os desentendimentos nascidos para arruinar o seu casamento. No auge da indignação êle arrasta Fran que confessa ter sido a autora da carta difamatória, aos pais de Jim que compreendem então quão fraca havia sido a sua atitude e o pouco que haviam feito para ajudar os jovens no seu problema.

Jim encontra finalmente Tae, convence-a de seu amor e o jovem casal resolve dar ao seu casamento um novo e mais firme impulso.



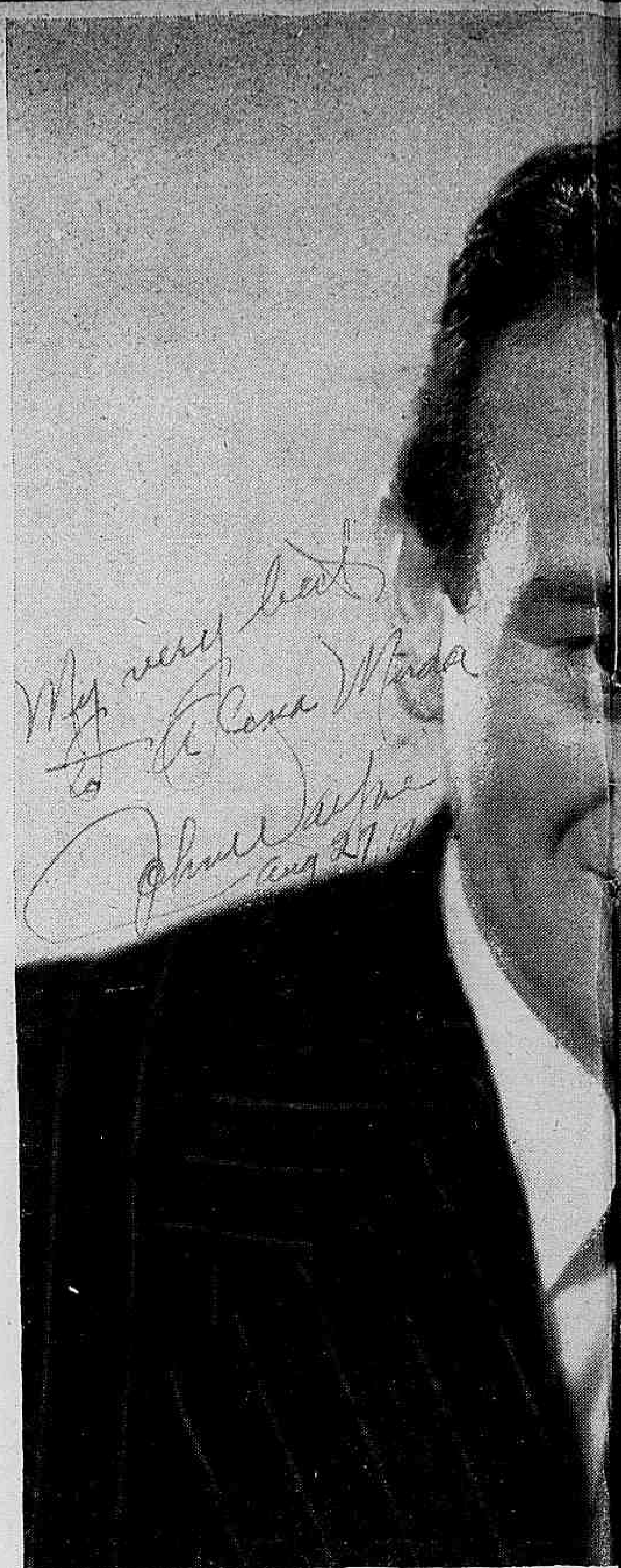






Wayne e Maureen O'Hara, numa cena de «Depois do Vendaval», último sucesso de John para a Republic





Dedicatória especi

VIDA de ARTISTA

Uma vaga na
levou John W

Seu nome verdadeiro é Marion Michel Morriso Nasceu na cidade de Wintersel, no Estado de Iow num dia 26 de Maio. E' êle considerado um dos ma altos galãs de Hollywood, pois possui 1,95 m altura, pesa oitenta quilos, tem olhos azuis e cabel castanhos.

Ao completar cinco anos de idade, seu pai, estan sèriamente doente, foi aconselhado pelo médico família a transferir-se por alguns tempos para o d serto. Desta forma, quando o velho Clyde Morris (pai de John Wayne) fêz as suas malas e embarc com a família para a cidade de Lancaster, na Califo nia, uma terra situada no vazio deserto de Mojane,

Outra pose do gigante de Hollywood, que estava de tinado a fazer carreira na Marinha norte-american (Foto de Alberto Ferreira)



de John Wayne para «Cena»



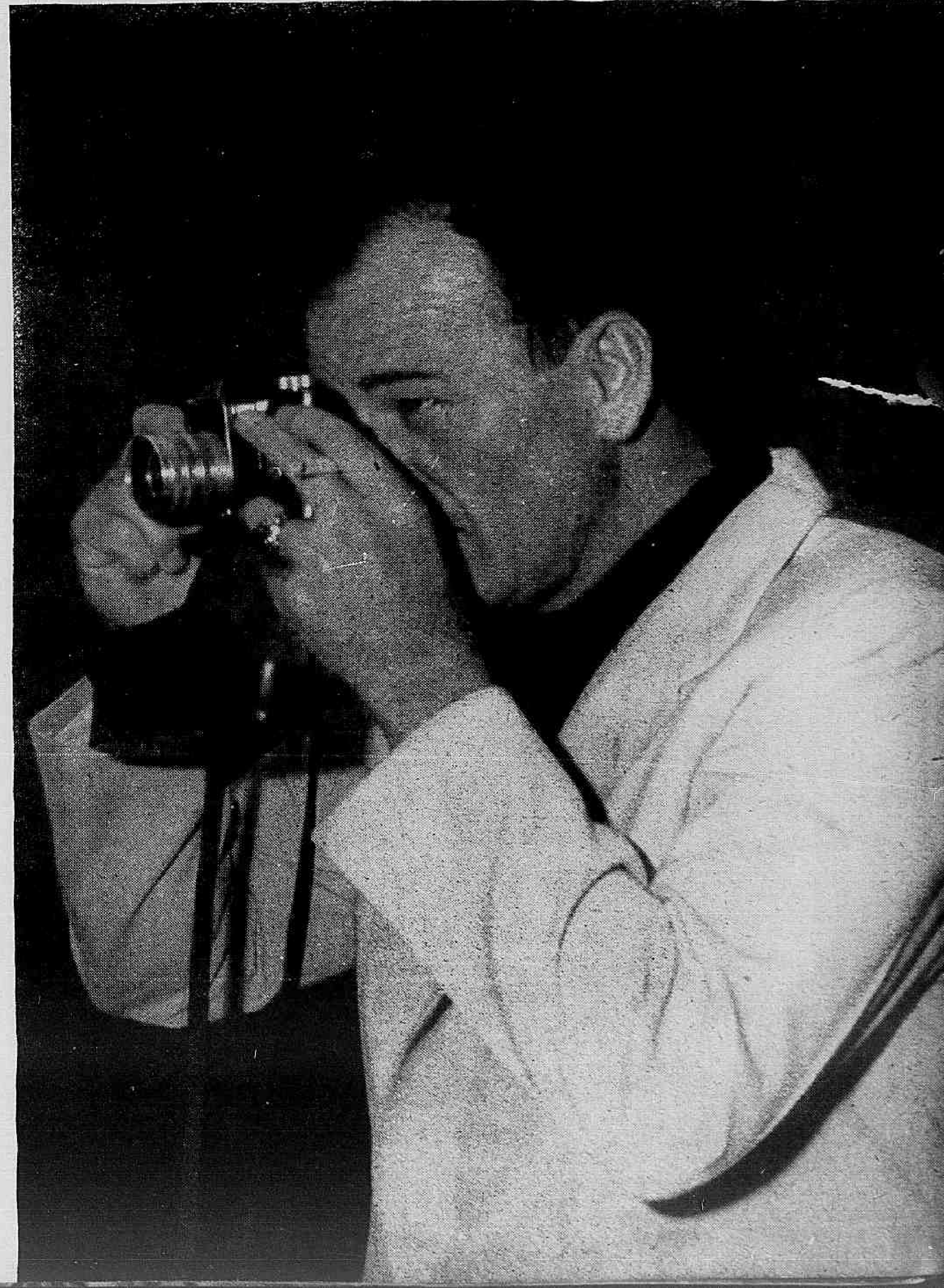
Uma demonstração de sôco de Wayne em Vitor Mac Lagles numa cena de «Depois do Vendaval»

Academia Naval
ayne ao cinema

menino John teve o seu primeiro contato com a vida de rancheiro. Êle frequentou a mesma escola que Judy Garland iria cursar alguns anos depois.

Um ano passado naquele ambiente devolveu ao velho Morrison a sua saúde e êle resolveu mudar-se para Glendale, ali se estabelecendo com uma sorveteria. Assim o jovem John cresceu e criou-se nesse famoso subúrbio de Los Angeles. Já na escola secundária, êle trabalhou numa peça escolar desempenhando o papel de "Duke" e daí por diante recebeu essa alcunha dos seus colegas sendo até hoje chamado dêste modo pelos seus amigos mais intimos.

(Cont. na pág. 34)



John Wayne fotografa um aspecto do Rio da varanda do apartamento que habitou durante a sua permanência em Copacabana

O FÃ PERGUNTA: "A CENA" RESPONDE

A. M. Seabra (Salvador) — "...quem é a espôsa de Charles Boyer e por que ela nunca aparece em fotografias?"

R. — E' a ex-atriz Pat Peterson. O casal não se preocupa com fotos que sejam ùnicamente para fins publicitários.

Margot (Distrito Federal) — "é verdade que Maureen O'Hara se recusa a fazer filmes de "western"?"

R. — Não é verdade. Maureen fará, pròximamente, nesse gênero, o filme "Cattle Kate". Além de tudo, ela é uma artista que recebe tôdas as sugestões de seu estúdio com mérito e cooperação.

Ivo d'Aguiar (Recife) — "...quais os filmes em que Silvana Mangano atuou até hoje?"

R. — Sua estréia no cinema se deu em 1946 num pequeno papel em "L'Elisir d'Amore". Em 1948 protagonizou "Arroz Amargo", com Vittorio Gassman e Raf Valone, filme que lhe trouxe popularidade internacional. Fêz, em 1949, "O Lôbo da Montanha", com Amedeo Nazzari, e, em 1950, "O Flagelo de Deus", ainda com Nazzari. Seu último filme, ainda não exibido no Brasil, é "Anna", com Vittorio Gassman.

Jorge Antônio (Distrito Federal) — "... falta-me o elenco completo de "Morro dos Ventos Uivantes" e o nome de seu diretor."

R. — O filme, que foi extraído do romance de Emily Bronte, "Wuthering Heights", é uma produção de 1939 dirigida por William Wyler. Seu elenco é o seguinte: Lawrence Olivier (Heatcliff), Merle Oberon (Cathy), David Niven (Edgard Linton), Geraldine Fitzgerald (Isabella Linton), Hugh Williams (Hindley, irmão de Cathy), Flora Robson (Ellen, a governanta), Donald Crisp (Kenneth) Leo G. Carrol (Joseph), Rex Downing (Heatcliff menino), Sarita Wooton (Cathy menina) e Cecil Kellaway (Earnshaw).

L. M. M. (Pôrto Alegre) — "... Esther William não tem filhos? Qual a profissão de seu espôso?"

R. — Esther William tem dois filhos legítimos e um adotivo. O adotivo é o garôto italiano Giuseppe Bastianelli, que foi mutilado em um bombardeio na guerra passada. De seu primeiro marido, Leonard Kovne, ela não teve filhos. O seu atual espôso, Ben Gage, é locutor radiofônico.

Maria (Distrito Federal) — "... Mário Lanza é italiano?"

R. — Não, senhora. E' americano de Nova York, onde nasceu no dia 31 de janeiro de 1921. Seu último filme é "Because You're Mine", ainda sem título em português.

(Cont. na pág. 34)



Silvana Mangano estrêla do cinema italiano, foi alvo de uma pergunta de um fã de Pernambuco



Anselmo Duarte e Eliana, dois astros do ecran nacional, que gozam as preferências do público

CINE-CRÍTICA DO LEITOR

A VIA LÁCTEA DO CINEMA NACIONAL

F. MOREIRA
(São Luís do Maranhão)

Com a sua concretização, o cinema nacional, que dantes era uma aventura cheia de incertezas, vai tomando um lugar cada vez mais destacado na atenção dos que se interessam pela sétima arte. E' verdade que ainda não pode equiparar-se aos grandes centros cinematográficos; mas, lançando um olhar retrospectivo sôbre os últimos anos, podemos orgulhar-nos do grande caminho que êle percorreu. Dantes, assistia-se aos filmes brasileiros por patriotismo, ou então por curiosidade; hoje em dia, o panorama é outro: os filmes atingiram um grau de qualidade técnica bem satisfatório, e o padrão artístico algumas vêzes é superior ao de muita produção estrangeira exibida com grande cartaz.

E, como conseqüência natural dêsse desenvolvimento, os atores e atrizes que tomam parte nas produções nacionais vão adquirindo seu lugar na admiração dos freqüentadores de cinema, antes monopolizada pelos Tyronne Powers, Van Johnsons, Ingrid Bergmans, Bette Davis, etc. Agora, ao lado dêsses nomes já são ouvidos outros, que soam familiares, mais nossos: Anselmo Duarte, Eliana, Fada Santoro, Oscarito, Orlando Vilar, Tônia Carrero, para citar alguns. Tudo gente esforçada e cheia de boa-vontade.

Dos homens, o que tem tido maior sucesso e melhores oportunidades é, incontestàvelmente, Anselmo Duarte. E o que tem maior público, também; vem progredindo a cada novo filme, esforçando-se em aperfeiçoar seus desempenhos, procurando continuar a merecer a preferência do público. Seguem-no de perto: Cyl Farney, Orlando Vilar, Mário Sérgio, Hélio Souto, José Lewgoy, etc.

Entre as atrizes, a mais querida é Fada Santoro, provàvelmente; seus filmes têm público garantido, pois sua presença é penhor de sucesso. Seu prestígio tende a aumentar, porque tem muito a seu favor: beleza, mocidade, talento e simpatia. E aquêle jeitinho todo pessoal de se mostrar desamparada e sofredora, que é um de seus maiores encantos. Há também Eliane Lage; começou estrêla, num filme que deixou saudade, "Caiçara". Seus desempenhos posteriores confirmaram as promessas que fêz em sua primeira aparição na tela; num gênero totalmente diverso do de Fada Santoro, também tem feito muito sucesso e é um dos valores principais com que conta o cinema brasileiro.

1952 trouxe a consagração definitiva de Tônia Carrero; seus primeiros filmes não lhe deram a oportunidade que merecia; mas "Tico-Tico no fubá" compensou: seu trabalho foi muito elogiado, e até em Cannes ela agradou, quando da exibição do filme da vida de Zequinha de Abreu. E "Apassionatta", ainda não apresentado, deverá aumentar o sucesso alicerçado em "Tico-Tico".

Mas ainda há muitas outras: Maria Della Costa, considerada por muitos como uma das mulheres mais belas do mundo; Ilka Soares, com seus olhos tão descritivos, melhorando de filme para filme; Antonieta Morineau, cujo nome traz a melhor das recomendações; Vera Nunes, cuja simpatia conquistou uma legião de admiradores; Eliana, precisando de outra oportunidade como a que teve em "A Sombra da Outra"; Marisa Prado, uma das grandes esperanças da Vera Cruz; Mary Gonçalves, que ainda não teve a "chance" que merece; Adelaide Chiozzo, aliando sua

(Cont. na pág. 34)

Rádio Cena



Reportagem nas páginas 22 e 23



Dada a sua grande experiência no palco, Brandão Filho é um mestre em caretas. Por isso, muitas vêzes o pessoal do auditório cai na gargalhada e o ouvinte de casa não sabe por que

BRANDÃO FILHO COMEÇOU NO CIRCO

JÁ EXERCEU INÚMERAS PROFISSÕES — FRACASSOU NUM PAPEL DRAMÁTICO — DE "MÃO LEVE" A "PRIMO POBRE" — MOACIR AUGUSTO SOARES BRANDÃO FAZ, NO RÁDIO, AQUILO QUE SEU PAI FAZIA NO TEATRO

Texto de MILTON SALLES

Fotos de ALBERTO FERREIRA



Desta vez o «Primo pobre» surpreendeu-se com a derrota do Flamengo. Seus olhos, muito arregalados, parecem dizer: «Não é pcssível!»

QUEREM alguns que cada um de nós veio ao mundo com uma missão a cumprir. Se assim é, realmente, Moacir Augusto Soares Brandão recebeu um encargo muito sério: fazer os outros rirem com as suas magnificas interpretações. Aliás, a verdade manda que se diga, o filho do falecido ator Brandão, "O popularissimo", e de D. Beatriz de Souza Brandão, nascido na cidade de Espirito Santo do Pinhal, em São Paulo, no dia 6 de janeiro de 1910, às 21,45 horas, desde cedo vem arrancando risos dos seus semelhantes, colorindo as faces alheias com sorrisos espontâneos, mercê do seu jeito brincalhão e da sua inaptidão para exercer as diversas profissões por que passou.

APRENDIZ DE ALFAIATE

E Brandão Filho não teve pejo em confessar-nos:

— Fui tudo nesta vida. Desde aprendiz de alfaiate a balconista. Mas, como não me adaptasse a nenhuma das profissões, provocando gracejos e risos dos colegas, vi-me forçado a seguir a carreira de meu pai quando do seu falecimento.

— Então, você começou como ator?

— Como ator, pròpriamente, não. Iniciei-me como corista do Democrata Circo, ao lado do meu velho amigo Paraiso. No dia 29 do mês de agôsto de 1929, ainda me lembro perfeitamente, fiz a minha estréia, na revista "A gente se defende". Durante essa peça, tive que bailar no meio de oito "girls". Eu era o único "boy"... A situação não estava boa, não... Estive para desistir.

150 MIL RÉIS POR MÊS

— E desistiu, Brandão?

— Embora me sentisse um pouco



«Peladinho» (Germano) não gostou das críticas do «Primo pobre» ao quadro do «Mengo» e quis lavar a sua honra aplicando um «balão» no seu companheiro do «Balança»

vexado — você sabe, eu tinha experiência de palco e perturbei-me por atuar sòzinho entre numerosas filhas de Eva — não sai do conjunto, graças às solicitações dos companheiros, que me incentivavam bastante.

— Qual era o seu ordenado naquela época?

— Uma ninharia, já que éramos nós que comprávamos as nossas roupas. Sabe quanto eu ganhava?

E êle mesmo respondeu à sua pergunta:

— 150 mil réis mensais...

Depois de uma pausa, em que saboreou o efeito de sua afirmativa, prosseguiu Brandão Filho:

— Meses depois, entretanto, na peça intitulada "Alma do diabo", onde desempenhei o meu primeiro papel cômico, fazendo rir bastante, recebi merecido aumento.

— Ai então você tomou gôsto pela coisa, não é?

— Claro. Animado com êsse primeiro sucesso, enchi-me de ânimo e comecei a empregar todos os meus esforços para subir. Assim, passei a fazer papéis de destaque na mesma companhia, na qual trabalhei dois anos e meio. Depois, trabalhei no "Circo-Teatro Dorby", sob a orientação de Euclides Monteiro, de onde sai a convite do empresário M. Pinto, para estrear no Teatro Recreio, na peça "A Canção Brasileira", em que fiz o papel de "Cavaquinho". Trabalhei, em seguida, em diversas companhias, tendo feito o "Chalaça", em "Carlota Joaquina", ao lado de Jaime Costa. Pertenci aos elencos de Palmeirim Silva, de Roulien, de Lucilia Peres, etc.

O GRANDE FRACASSO DE BRANDÃO

Como o festejado intérprete se referisse, apenas, aos papéis cômicos que desempenhara, indagamos:

— Você nunca tentou o gênero dramático, vivendo um personagem que arrancasse lágrimas da platéia?

— Tentei, sabe? porém fracassei redondamente. A coisa aconteceu assim: quando a companhia de Lucilia Peres encenou a peça "A mulher que veio de Londres", fui designado para desempenhar um papel altamente dramático, de comover qualquer assistência. Fiz ver ao diretor que o negócio não daria bom resultado, apresentando uma série de razões plausíveis. Não ouviram os meus argumentos e fui obrigado a desempenhar o tal papel. Aconteceu, então, o que eu esperava. Imagine você que quando eu entrava em cena, arrojava-me, com grande dramaticidade, aos

(Cont. na pág. 34)

Quem nunca comeu melado quando come se lambuza — e o «Primo pobre», que agora já tem um carro moderno, se vê às voltas com os consertos e os golpes de direção







Alberto e Don Rafael duas figuras destacadas de «O Direito de Nascer, interpretadas por Paulo Gracindo e Castro Viana

A INFLUÊNCIA DA NOVELA

E' fato sabido que a novela radiofônica, romance em pilulas que a maioria das emissoras oferece aos sintonizadores, tomou conta do Brasil. Não só senhoras e senhoritas de tôdas as condições, como também homens — embora disfarçadamente — gostam de colar-se ao receptor para vibrar com o desenrolar das «emocionantes». Por isso mesmo, a novela está influindo na conversa e nos hábitos do povo. Exemplo desta assertiva, está na missiva que, há tempos, um senhor escreveu a um compadre, pedindo um filhote de cachorro:

«Caro compadre. Ciente dos têrmos de sua carta, lamento não ser possível atendê-lo imediatamente. Tenho um soberbo exemplar feminino, com notável «pedigrée» que comprova a sua alta linhagem de nobre ascendência. Acontece que o «Otelo», o meu favorito para a caça, a despeito de suas excelentes qualidades, não tem registro genealógico no Kennel Club. E' muito inteligente, seguro, com tôdas as características de pureza, mas, como disse, não tem «pedigrée». Um tal de Rafael, um velho de nossas relações, senhor muito conceituado, me adiantou informações sôbre a descendência de Otelo, amamentado por uma cadela comum, mas filho de um perdigueiro legítimo, muito afamado. Se me fôr possível estabelecer a identidade e procedência da mãe, então será fácil promover o registro.

Estou certo de conseguir bons animais com o meu casal, mas a sociedade de cães é rigorosa e intransigente e não reconhece os filhotes abastardados, negando sistemàticamente o registro quando o pedido não é acompanhado das certidões de ambos os lados, na mais perfeita ordem».

Pouco tempo depois de expedida a carta, o dono dos cães recebeu a resposta do compadre, perguntando se a sua explicação se referia mesmo aos seus perdigueiros ou se era um resumo de «O direito de nascer»: se tinha mesmo um casal de cachorros, Lady e Otelo, ou se estava trocando os nomes de Albertinho e Isabel Cristina...

Aí está uma prova evidente de como a novela penetrou fundo na vida do povo.

PONTOS de VISTA

«A Rádio Relógio é uma estação muito antipática, que explora a paciência da gente obrigando-nos a ouvir uma série cacetíssima de anúncios em troca da hora certa» — **Sérgio Pôrto**.

— «O boboca do Alberto Limonta é que é feliz. Agora, tem três mães: duas na terra e uma no céu. Benza-o Deus!» — **Marijô**.

— «Mau rádio é essa avalanche de anúncios que o pobre locutor é obrigado a vomitar em trinta ou quarenta pedaços, sem perder o fôlego para não perder o segundo destinado a um rápido trecho de música em conserva». — **Dig**.

— «Até Fernando Lôbo, que tem talento, plagiou, de parceria com um tal Evaldo Rui, se não me engano, o maracatu «Cambinda briante. — **Ali Babá**.

— «Não acredito que o incêndio na Rádio Eldorado tenha sido ocasional. Creio mesmo na possibilidade de uma sabotagem». — **Ana Khoury**.

— «Nessa lenga-lenga tôda (o caso dos discotecários), o que fica provado é que existe enorme desídia dos diretores artísticos das emissoras, êsses sim, responsáveis pelas programações de suas estações». — **Brício de Abreu**.

VALE A PENA SABER

A novelista Ivani Ribeiro, uma das mais populares do "broadcasting" bandeirante, já foi cantora, nos bons tempos da Rádio Educadora Paulista.

★

Nuno Roland, cujo verdadeiro nome é Reinoldo Corrêa de Oliveira, é o cantor mais antigo da Rádio Nacional do Rio, tendo participado da sua inauguração, no dia 12 de novembro de 1936.

★

Roberto de Andrade, hoje afastado das lides radiofônicas, foi um dos cantores e produtores de grande prestígio no rádio carioca.

★

Nas últimas eleições, Júlio Louzada recebeu insistentes convites de diversos partidos para concorrer à vereança pelo Distrito Federal. O "Reverendo", porém, não quis arriscar-se a participar dos embates eleitorais.

★

Há anos, quando pertencia ao elenco da Rádio Nacional, Orlando Silva teve um caso amoroso com a rádio-atriz Zezé Fonseca que deu o que falar.

★

Antônio Maria ganha, todos os meses, na Rádio Mayrink Veiga, mais de quarenta mil cruzeiros.

DISSE—ME—DISSE

Alguém comentava o fato de ter sido noticiado que o cantor Gregório Barrios estava quase cego. Manèzinho Araújo, que ouvia tudo atentamente, resolveu então intervir:

— Isso, para mim, não passa de uma campanha de publicidade bem engendrada do empresário do criador de "Somos". Êsses estrangeiros enxergam longe...

★

Oliveira Salazar, do Departamento de Esportes da Tupi, dizia para um amigo, no bar da G-3:

— Admiro o Oduvaldo Cozzi, como grande locutor esportivo que é. No entanto, êle não tem espírito de coleguismo. Se êle pudesse, tôda vez que passasse junto a um fio do microfone de algum colega, cortá-lo-ia (o fio), para transmitir sòzinho uma partida de futebol.

★

As "Associadas", preparando-se para o aumento dos radialistas, que fatalmente virá, já deram aviso prévio a diversos funcionários.

★

O pistolão é a ruina desta terra, que por isso mesmo será sempre o "país do futuro". Ainda agora, Vitor Costa foi obrigado a contratar a atriz Isa Rodrigues porque ela apresentou-lhe um pistolão dêste tamanho.

★

Mário Meira Guimarães considera-se um grande novelista e, como tal, costuma desancar os que são considerados mestres no gênero. Ainda recentemente, êle atacou o Ghiaroni, dizendo ser êle um dos piores autores de histórias seriadas.

★

Em que ficou o caso Nestor de Holanda versus César de Alencar? Como se sabe, após o ataque, com requintes de covardia, que o primeiro foi vitima dos guarda-costas do popular animador da Rádio Nacional, o caso foi parar na policia. Até agora não se teve mais noticias dêsse novo processo que deu dores de cabeça ao nervoso César de Alencar.

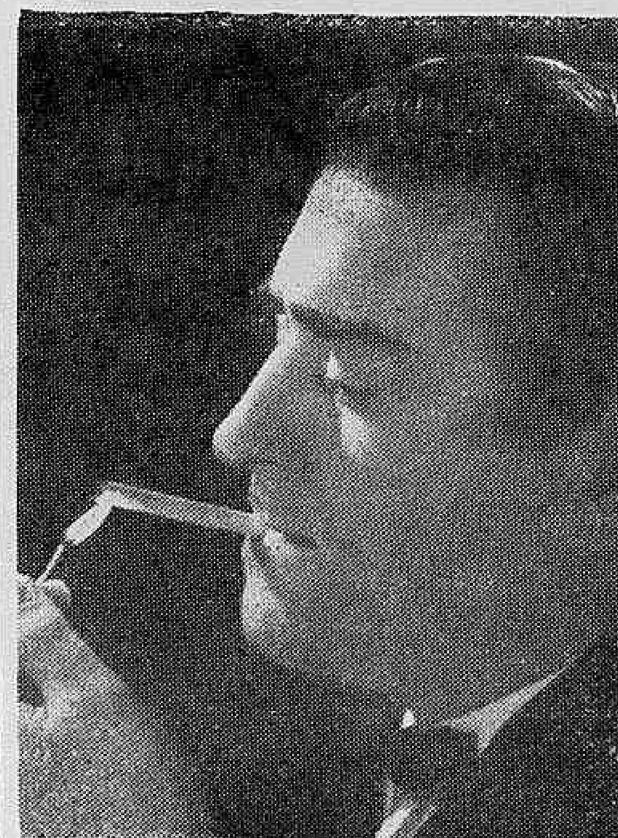
★

Dizem à bôca pequena que a Dalva de Oliveira está gravando alguns dos bagulhos de Tito Climent (todos êles decalcados em músicas de sucesso), para ajudá-lo a ganhar uns caraminguás...

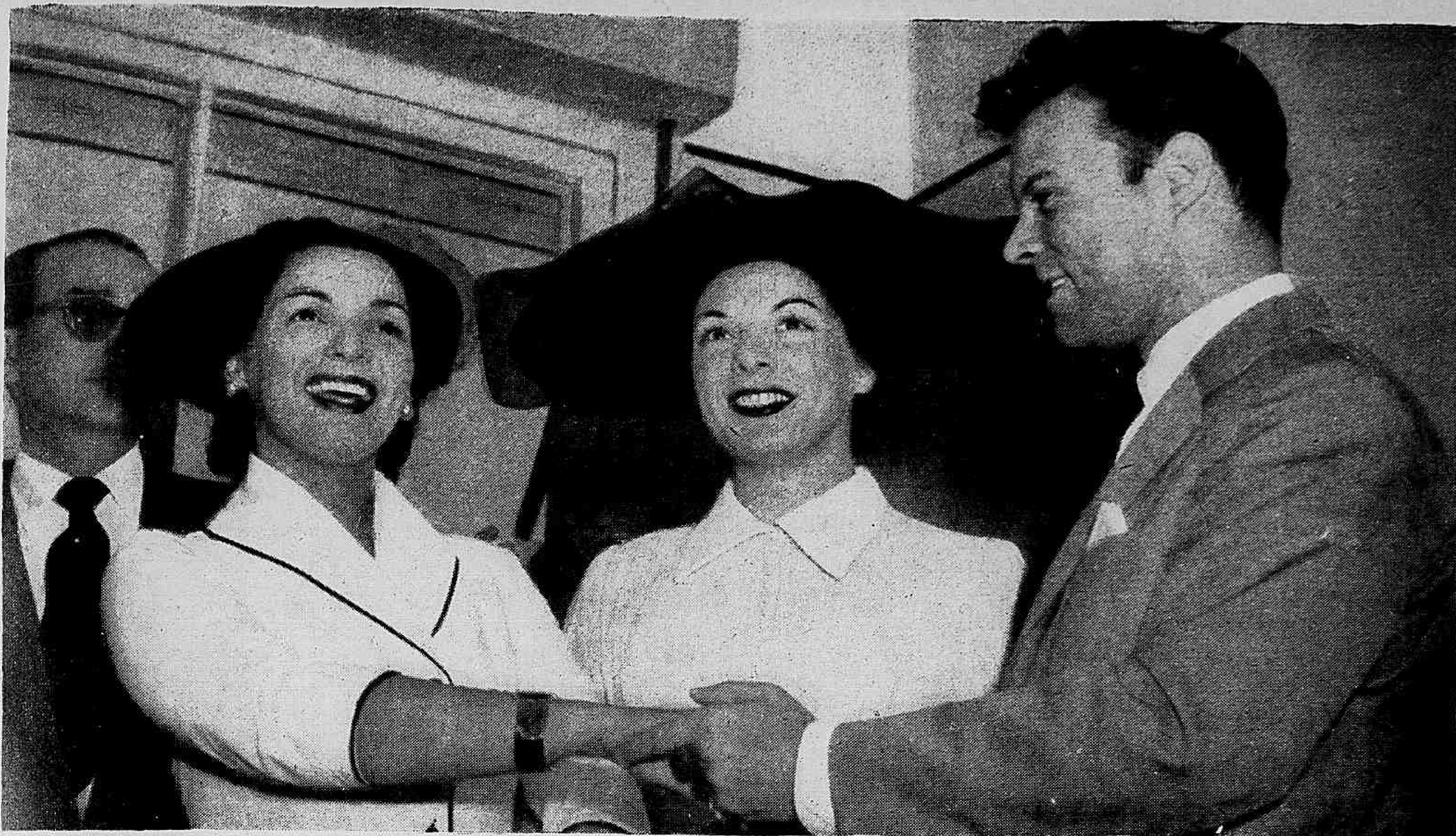
★

Nelson Cavaquinho, grande compositor popular que os grandes da composição não deixam aparecer para poderem comprar as suas músicas, tem sido muito procurado ùltimamente por conhecidos autores. Motivo: o carnaval se aproxima e o Nelson tem algumas músicas que deverão fazer sucesso. Além disso, o preço não é muito puxado.

MR. KILOCYCLO



Gregório Barrios, que segundo Manèzinho Araújo, enxerga muito bem... os cruzeiros



AMIGA DA ONÇA? — Segundo as declarações de Marlene, Emilinha nada faz para evitar os arroubos de sua torcida organizada. E', portanto, uma legítima amiga da onça

MARLENE DEPOIS DA VAIA:

"NÃO CANTAREI MAIS NOS PROGRAMAS DE EMILINHA!"

Não é de hoje que existe uma situação desagradável entre Marlene e Emilinha, motivada pela torcida organizada das duas artistas. Aliás, a coisa começou a ficar séria há cêrca de quatro anos quando, na festa realizada pelo Manoel Barcelos na Ponta do Calabouço, a primeira levou tremenda vaia das fervorosas admiradoras da segunda, dando margem a um desaguisado que, felizmente, não teve maiores conseqüências.

Mais tarde, quando da eleição de Marlene para "Rainha do Rádio", a torcida de Emilinha passou, novamente, a descompor a criadora de "Sapato de pobre". E a coisa foi caminhando nesse diapasão, sem que a Borba procurasse amansar as jovens inconseqüentes que formam a sua "hinchada", como é público e notório.

Há pouco, desejosa de acabar com êsse estado de coisas, Marlene convidou Emilinha para madrinha de seu casamento no civil. O acontecimento foi saudado por todos como se, dali por diante, fôsse reinar a paz entre as duas maiores torcidas de artistas. Infelizmente, porém, tal não sucedeu. Sábado, 30 do mês transato, durante a festa com que o "Programa César de Alencar" homenageou Emilinha Borba pelo transcurso do seu aniversário — que seria no dia seguinte — Marlene, desejosa de prestar sua colaboração à festinha dedicada à colega e madrinha, dispôs-se a cantar diversos números do seu repertório. Quando, porém, ela entrou no palco, a maioria do auditório, exibindo âncoras com a inscrição "Emilinha, a favorita da marinha", prorrompeu em vaias, bradando: "Que-re-mos E-mi-li-nha! Que-re-mos E-mi-li-nha!"

A grande cantora que é Marlene, entretanto, soube conter a justa revolta que lhe ia no íntimo e cantou o seu número até o fim.

Ao regressar aos bastidores, não pôde reprimir o que a custo ocultara da massa presente ao auditório e explodiu, para quem quisesse ouvi-la:

— Não canto mais nos programas da Emilinha!

Depois, mais calma, confortada pelos colegas, ela se desabafou para com os presentes:

— Onde é que já se viu uma coisa dessas?! Eu tenho feito tudo para apaziguar os ânimos; convidei a Emilinha para madrinha do meu casamento; dou ordens às mais ardorosas de minhas fãs para evitar vaias ou ataques à minha colega. No entanto, é isso o que se vê. Tem-se, até, a impressão que a Emilinha açula as suas admiradores contra mim.

Ao lado da estrêla estava Luís de Carvalho, que, ante aquelas declarações baixou os olhos, como se confirmasse tudo, pois, no auditório da Rádio Clube, durante um dos seus programas, a torcida de Emilinha Borba submeteu Dircinha Batista a um grande vexame, vaiando-a estrepitosamente.



BEIJO DA PAZ? — Infelizmente, não, embora todos julgassem que sim. Por isso, a situação entre as duas cantoras voltou à estaca zero

DALVA de OLIVEIRA CASOU-SE em PARIS

Ganhou 500 mil cruzeiros mas gastou muito dinheiro — Grande sucesso em Portugal, Espanha e Inglaterra — Casará, no civil, brevemente, no Uruguai — A primeira artista brasileira a atuar na BBC quase foi sufocada pela multidão de admiradores

Texto de M. CORRÊA

E' bem verdade que a maioria dos fãs de Dalva de Oliveira não sabia o dia certo do retôrno da festejada vocalista, após a brilhante temporada que realizou nas principais capitais da Europa. Falou-se tanta coisa sôbre o seu regresso, dizendo-se, inclusive, que ela retornaria juntamente com o musicista Roberto Inglês e que saltaria no aeroporto do Galeão, que se estabeleceu certa confusão entre o público. Apesar disso, entretanto, grande número de fãs foi recebê-la, sábado, 30 de agôsto, no Cais do Pôrto, prestando-lhe magnífica homenagem

TRÊS MESES DE SUCESSO

Durante cêrca de três meses a criadora de "Errei, sim" estêve no Velho Continente, trabalhando pela divulgação dos nossos ritmos populares. Iniciando sua temporada em Portugal, ali trabalhou nos Teatros Coliseu e Politeama, de Lisboa, e nas Rádios Nacional e Graça, também da capital lusa Na terra de Camões, ela também realizou duas películas, nas quais cantou diversas das suas criações de maior sucesso.

Depois de contar o que foi a sua estada em Portugal, a estrêla da Nacional respirou fundo, safou-se de alguns admiradores mais fervorosos que quase a sufocavam e prosseguiu:

— Em seguida fui à Espanha, tendo trabalhado em Madrid, nas "boites" Morocco e Vila Rosai e, em Barcelona, na Rigat. Depois rumei para a Inglaterra, cantando na famosa BBC de Londres e cantando no Hotel Savoy.

Abrindo um parêntese nas declarações de Dalva de Oliveira, é interessante informar aos nossos leitores que a "boite" do Savoy é famosa e austera, onde sòmente desfilam as personalidades artísticas de renome internacional.

— Nessa esplêndida "boite" — é Dalva quem retoma a narrativa — conheci, entre outros astros do cinema, Lawrence Olivier, Errol Flynn, Deborah Kerr, Katherine Hepburn e outros cujos nomes me fogem à memória.

16 DISCOS COM ROBERTO INGLÊS

Bem-humorada, apesar da grande multidão que a cercava e que, aos gritos de "Dalva! Dalva! Dalva!", saudavam com entusiasmo incomum o seu retôrno ao Brasil, a nossa querida vocalista contou ao repórter:

— Gravei nada menos de 16 discos com a famosa orquestra dêsse fabu-



Dalva e seu novo marido Tito Climenti, regressando de sua viagem de núpcias



Foram tantos os abraços dos fãs, que rasgaram o vestido de Dalva. Eis Manuel Barcelos, presidente da A.B.R. e Ataúlfo Alves mostrando o estrago na roupa da criadora de «Kalu»

loso Roberto Inglês, cujo trabalho em prol da nossa música popular nunca será de mais exaltar.

— Dêsses, quais foram os que mais agradaram aos londrinos, Dalva?

— O baião "Kalu" e o samba "Que será?". O "Fim de comédia", do Ataulfo Alves, também estava fazendo sucesso quando me despedi da Inglaterra.

Ataulfo Alves e Humberto Teixeira, que tinham ido ao Cais do Pôrto dar as boas-vindas à cantora, abriram-se num largo sorriso de satisfação...

GASTOU MUITO DINHEIRO

Alguém — não se soube ao certo quem — fêz a pergunta:

— Quanto havia ganho a cantora com essa excursão?

Houve um silêncio bem significativo, que foi cortado pela própria cantora:

— Pois é, meus amigos. Ganhei, mais ou menos, uns 500 mil cruzeiros. Mas gastei quase a metade, na aquisição de roupas, jóias e "souvenirs". Vocês sabem, não é?, mulher é um bicho para gastar dinheiro...

A assistência deliciou-se com o espírito da cantora.

VISITARÁ OS ESTADOS UNIDOS

— E as novas excursões, Dalva?

— Serão realizadas — responde, prontamente, a vocalista. — Se Deus quiser, visitarei os Estados Unidos no ano que vem e, nessa oportunidade, atuarei na França e em outras capitais do Velho-Mundo. Aliás, por falar na terra de Tio Sam, é bom eu esclarecer que já firmei compromisso com a *boite* "El Chico", uma das mais

(Cont. na pág. 34)

DAQUI, DALI, DACOLÁ

A Rádio Nacional lançou dois novos programas: «Emilinha na Glória», ao meio-dia das quintas-feiras, no programa de Manoel Barcelos, estrelado por Emilinha Borba, e «Sortidos», às 21 h. 35 m. também das quintas-feiras, com César de Alencar no seu comando. O produtor de ambos é Fernando Lôbo.

★

Satisfazendo a curiosidade de alguns leitores, damos aqui os nomes dos locutores da Rádio Eldorado: Fernando Veiga, Guilherme de Souza, José Acrisio, Moacir Lopes, Newton Prado, Alziro Zarur. A única locutora da Rádio Eldorado é Maria do Carmo Morais, mais conhecida pelo pseudônimo de Cláudia Corbeaux.

★

Em substituição a Walter Forster, que ingressou na Rádio Nacional de São Paulo, assumiu a chefia do Departamento de Rádio-teatro da Tupi o rádio-ator Paulo Pôrto.

★

Assumiu a chefia do Departamento de Publicidade da Rádio Eldorado o locutor Heraldo Tavares, diretor-secretário do Sindicato dos Radialistas.

★

A Rádio Tamoio contratou a rádio-atriz e locutora Alcina Maria, que já fêz a sua estréia ao microfone B-7.

★

Névio Macedo lançou, na Rádio Jornal do Brasil, o programa «Escolha seu disco», que vai ao éter tôdas as segundas, quartas e sextas-feiras, às 14 horas.

★

Paulo Raymundo lançou na «Seqüência G-3», às quartas-feiras, o programa «Em busca de uma voz», cuja finalidade é dar aos elementos de real valor uma oportunidade de ingressar no quadro de cantores da Rádio Tupi.

★

Por falar em concurso: a Rádio Globo instituiu um para selecionar um elemento para a equipe esportiva comandada por Luís Mendes.

Uma equipe de jovens rádio-atores capitaneada por Otton Corrêa, está apresentando diversos programas na PRN-9, Rádio Difusora do Departamento Federal de Segurança Pública, que transmite na faixa de 9.295 quilociclos, em ondas curtas.

★

O musicista Roberto Inglês vem se apresentando com sucesso nas Rádios Nacional, Clube do Brasil e Mayrink Veiga e na «boite» Casablanca.

★

Assumiu a chefia do Departamento de Reportagens da Rádio Mayrink Veiga o jornalista José Grossi.

★

Maria Neide, aquela cantora gorduchinha da Rádio Tupi, está em francos entendimentos com a Rádio Nacional.

★

A Rádio Nacional lançou «De conversa em conversa», programa de Lourival Marques, sexta-feira última, às 21 h. 35 m.

★

Em substituição ao programa «Recruta 23», a Rádio Mayrink Veiga, lançou, no mesmo horário e do mesmo Aloísio Silva Araújo, o «Restaurante Sublime Indulgência».

★

Segundo declarou um dos mais acreditados produtores paulistanos, existem em São Paulo nada menos de 200 mil tele-espectadores. Por isso, as duas emissoras de TV de lá vão de vento em pôpa.

★

A Rádio Tupi lançou a novela de Daysi Fonseca, «Terra negra», no horário das 14 horas das segundas, quartas e sextas-feiras.

★

Telmo D. Avelar, rádio-ator da Clube do Brasil, deverá transferir-se brevemente para a Rádio Tupi. Será confirmada, assim, a notícia que demos, há tempos, em absoluta primeira mão.



Carlos Galhardo embarcou para Portugal, levando a música popular brasileira, e de lá com certeza trará mais alguns casos pitorescos para o seu repertório

TRÊS FATOS PITORESCOS DO NOSSO RÁDIO

CARLOS GALHARDO DRIBLOU O COMPOSITOR

Com os nossos radialistas acontecem coisas que, dado o seu ineditismo, o prosaico fã radiofônico julga que jamais aconteceram, dizendo que os cronistas divulgam-nas por falta de assunto. Um dêsses fatos, teve Lauro Borges como personagem principal.

Pelo interior de Minas Gerais excursionava, há tempos, um grupo de artistas, que cantavam, representavam, etc. Eram todos dirigidos pelo famoso criador da gosadissima «PRK-30».

Chegando a uma modesta cidade, o atual exclusivo do «Cacique do Ar», tratou imediatamente, de procurar o melhor hotel da localidade, sendo-lhe apontado o «Hotel de D. Benvinda», pois lá, além de ótimo tratamento, a dona da casa tinha sempre uns burrinhos à disposição dos hóspedes, para que pudessem passear pela cidade, bastando para isso, atrelar os animais a umas pequenas carroças especializadas para êsse serviço.

Diante dessas informações, o Lauro Borges dirigiu-se ao hotel com tôda a «troupe».

Lá chegando, porém, reparou que no quintal havia sòmente quatro burros. «Não dá para nós todos passearmos», pensou o festejado humorista.

E disse a proprietária:

— E' pena, minha senhora... Nós somos 12 pessoas e aqui só há quatro burros... Não dá...

Mas a D. Benvinda não se deu por achada. Com tôda a amabilidade, respondeu ao inimitável companheiro de Castro Barbosa:

— Qual o quê, moço. Não há só quatro burrinhos, não! Aqui, no meu hotel, quanto mais hóspedes recebemos, mais burros temos...

GALHARDO DRIBLOU O COMPOSITOR...

Há muitos anos atrás, quando Carlos Galhardo fazia parte do elenco da Rádio Tupi, começou a ser apontado pela crítica e pelo público como um dos grandes cantores de valsas e canções. Ouvindo os comentários elogiosos que se faziam à voz do criador de «Cortina de Veludo», certo compositor resolveu procurá-lo.

Êsse fabricante de melodias, de segundo plano, aliás, iria oferecer-lhe algumas composições. Talvez o cantor, que estava começando a ficar famoso, lhe desse uma ajudazinha, resolvendo gravar as suas melodias. O ex-alfaiate Galhardo atendeu-o com tôda a solicitude, pedindo ao esperançoso homenzinho que as cantasse.

Puxando a indefectível caixa de fósforos, êle começou a cantoria. Numa voz desafinada, bem entendido, terminou a primeira canção. O cantor sacudiu a cabeça negativamente. Aquela não servia. O compositor, começando a suar, com a voz mais desafinada ainda, entrou a batucar na caixa de fósforos uma segunda música. Mas não foi desta vez ainda que o Galhardo ficou satisfeito. «Que camarada de amargar», disse, com seus botões, o compositor. E começou a apresentar a terceira melodia, agora suando em bicas. Dessa vez, o cantor ficou silencioso, grave. E o homenzinho, passando o lenço pela testa, com uma vaga esperança — apesar da terceira composição ser tão fraca como as demais, — perguntou:

— Como é «seu» Galhardo? Fica com esta?

— Não — respondeu, calmamente o exclusivo da Rádio Nacional — Prefiro ficar com a caixa de fósforos.

VILLA LOBOS É FÃ DE NOVELAS

Certa noite,, conta o jornalista David Nasser, Villa Lobos chamou a sua secretária, uma criaturinha delicada e profunda conhecedora de música. Êle queria pôr em ordem certas páginas de um concêrto e não encontrava uma porção de trechos. Quando aquêle conhecido homem de imprensa e compositor dos mais populares chegou, o famoso maestro andava de um lado para o outro, dando uma busca rigorosa em seu apartamento na Esplanada do Castelo.

O rádio estava ligado e uma voz horripilante, rouca e sinistra vinha do outro lado:

— Eu sou o «Sombra»...

— Mas até o senhor, maestro... — disse Nasser.

Villa Lobos protestou:

— Não sou eu. Ela está acompanhando essas aventuras e eu escuto para lhe contar o que sucedeu... — disse, apontando para o local onde estava sua secretária.

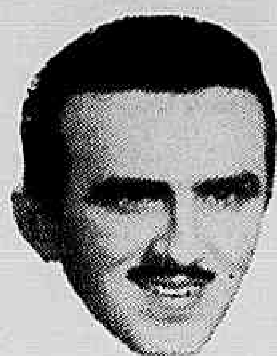
Minutos depois, a mocinha chegava. Enquanto o maestro dava os últimos retoques num estudo, o autor de «A coroa do Rei» perguntou a d. Arminda:

— A senhorita gosta das aventuras de «O Sombra»?

E ela:

— Não gosto de rádio-teatro.

E o maestro não teve outra alternativa se não declarar que era ouvinte de tudo quanto fôsse programa de rádio-teatro...



CHACRINHA MUSICAL

de ABELARDO CHACRINHA BARBOSA

OS DISCOS PREFERIDOS de ALCIDES GERARDI

«A VALSA DOS NOIVOS» — Roberto Paiva.

«VESTIDO DE NOIVA» — Francisco Carlos.

«MARCHA NUPCIAL» — Orquestra.

«O PAPAI ME DISSE» — Araci Costa.

«CASAMENTO SEM TOSTÃO» — Araci Costa.

«HILDA» — Samba — Jorge Veiga.

«ENLOUQUECI» — Samba - Linda Batista.

«A VIDA É ISTO» — Samba — Linda Batista.



Já está a venda o segundo disco de Dalva de Oliveira com a Orquestra do maestro Roberto Inglês gravado em Londres. O disco não fará a mesma carreira de "Kalu" e "Fim de Comédia".

★

Muito bonito o bolero de Victor Berbara e Haroldo Eiras gravado por Jorge Goulart, intitulado "Os Teus Olhos Pedem os Meus". Êste bolero, os fãs do criador de "Dominó" poderão encontrá-lo no verso de "Jezebel".

★

Estreou êste mês no mundo dos discos a cantora paulista, Ruth Amaral.

★

Zé Gonzaga, o Rei da Alegria, pretende lançar no mundo dos discos, ainda êste ano, as suas duas irmãs Maria do Socorro e Chica Gonzaga.

★

Depois de muito tempo, voltou a gravar o simpático cantor Vitor Barcelar. A sua última gravação é a "Valsa da Formatura".

★

Temos a impressão que êste ano até o Camundongo da Carrocinha, deverá gravar para o próximo carnaval.

★

Gilberto Alves, o cantor que venceu, já colocou na cêra as suas seis músicas para as folias do ano que vem.

★

Waldir Calmon, o criador de "Por quanto Tempo", assinou contrato de exclusividade com a fábrica de discos Star.

★

Um chorinho e um baião bem interessantes pelo famoso regional de Canhoto: "Boi de Toca", de Jaime Florence e Orlando Silveira, e "Fogo na Roupa", de Ari Duarte e Altamiro Carrilho.

★

Muito bonito o sambo de Herivelto Martins, "Não Matei", gravado por Gilberto Milfont. Dizem que êste samba foi feito em homenagem ao Tenente Bandeira.

★

Mais um disco da nossa querida Dircinha Batista. Tomem nota: "Bando do Lampeão", marcha-baião de Pernambuco, e "Culumin Pompílio", um baião de Humberto Teixeira e F. Godoi. A Dircinha está maravilhosa nestes dois números.

"Valsa da Formatura", de José Maria de Abreu e Lamartine Babo é a mais recente criação de Vitor Barcelar. A valsinha tem todos os predicados para vender. Um disco comercial por excelência.

★

Ataúlfo Alves está radiante com o sucesso alcançado por "Fim de Comédia", indiscutivelmente o samba mais bonito do ano que estamos atravessando. Ao autor de "Amélia", os nossos sinceros parabéns.

★

Esta semana recebemos a visita da nossa inconfundível Dilu Melo, que nos ofereceu a sua última gravação: Ei-la: "Maravia", baião de Dilu Melo e Jairo José, e "Tudo é Verdade", baião de Dilu e Nestor de Holanda. Os acompanhamentos estão à cargo do Regional do Rago.

★

Oldemar Magalhães, jovem discotecário da Tamoio anda completamente aborrecido com os últimos acontecimentos. Mesmo assim, o autor de "Sassaricando", prefere continuar calado no seu cantinho.

★

Tôdas as melodias citadas nesta seção poderão ser encontradas na discoteca da Casa Rádio Rama.

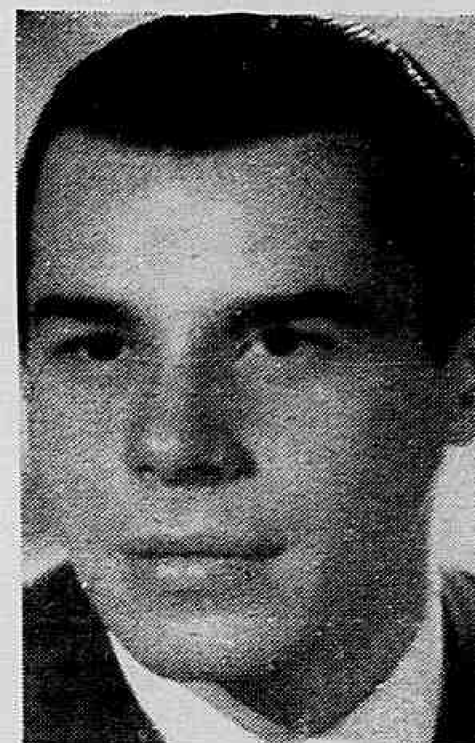
★

Na opinião de Oldemar Magalhães, os dez campeões do momento: "Senhora" (as três gravações), "Kalu" e "Fim de Comédia", no mesmo plano de igualdade; "Jezebel", "Dominó", "Baião Caçula", "Mano a Mano" e "Perdida", pelos Anjos do Inferno. Será que os nossos leitores concordarão com o Oldemar?

★

Solistas populares: "Vai Falando", baião, e "Uma Noite na África" dois baiões em solo de pistão por Pedroca; "Dinheiro Mole", samba-chôro, e "Desta Vez Êle Vai", são as mais recentes criações da dupla Joel e Gaúcho.

QUADRO DE HONRA



Figura, hoje, no nosso "QUADRO DE HONRA" o querido cantor da Rádio Nacional, Jorge Goulart, indiscutivelmente, o maior criador de sucessos em 1952. *Ao Jorge Goulart os nossos parabéns.*

SELEÇÕES QUE TODOS APRECIAM

"NOSSA VIDA" — Samba — Ernâni Filho.

"DORME MENINO GRANDE" — Samba — Nora Ney.

"SÓ VOCÊ" — Samba — Ademilde Fonseca.

"EU SOU O BAIÃO" — Baião — Carmélia Alves.

"O DIA DA CRIANÇA" — Valsa — Gilberto Alves.

"BAIÃO SERENATA" — Baião — Heleninha Costa.

"VEM LOGO" — Bolero — Anjos do Inferno.

"SUAS CARTAS DE AMOR" — Samba — Lúcia Martins.

"LEVIANA" — Samba — Os Cariocas.

SUCESSOS DA SEMANA

«KALU» e «FIM DE COMÉDIA»: baião — samba — Humberto Teixeira e Ataúlfo Alves — DALVA DE OLIVEIRA.

«SENHORA» — Versão brasileira. L. Faissal: DIRCINHA BATISTA e GILBERTO MILFONT.

«TELEFONISTA»: Samba — David Nasser: FRANCISCO ALVES e NELSON GONÇALVES.

«JEZEBEL»: Vers. brasileira — Caribé da Rocha: JORGE GOULART.

«MANO A MANO»: Versão brasileira: ALBERTINHO FORTUNA.

«BAIÃO SERENATA»: — Baião: Klecius e Ismael Neto: HELENINHA COSTA.

«O BALINHO DA MADEIRA»: M. Reg. Portuguêsa: HELENA GONÇALO.

«PERDIDA» — Bolero: Agustin Lara: ANJOS DO INFERNO.

«POROÓ-POROÓ»: Chôro — Raul de Barros: RAUL DE BARROS.

«POR QUANTO TEMPO?» — Bolero: Marino Pinto: WALDIR CALMON e Conjunto.

●

NOTA: A seção «Sucessos da Semana» é feita de acôrdo com as principais casas de discos e pedidos por cartas a telefonemas recebidos durante a semana pelo «Cassino da Chacrinha». Semana de 12 a 19-9-52.

PARA VOCÊ CANTAR

BATE UM SINO, ALÉM

Samba-canção de José Maria de Abreu e Alberto Ribeiro, gravado por Dóris Monteiro.

Bate um sino, além...
triste como o adeus,
a chamar alguém
a orar por Deus...
Em meu peito bate um sino
que bem triste é também
para unir o meu destino
Ao destino de alguém.

Se meu bem souber
o que êle diz
eu serei então
bem feliz
E meu coração
que, hoje, bate, sofre de dor
se alegrará
com seu amor..

★

NÃO TEM SOLUÇÃO

Samba-canção de Dorival Caymmi e Carlos Guinle Filho, gravado por Dorival Caymmi

Aconteceu um novo amor
Que não podia acontecer
Não era hora de amar
Agora o que vou fazer

Não tem solução
Êsse novo amor
Um amor a mais
Me tirou a paz
E eu que esperava
nunca mais amar
Não sei o que faça
Com êsse amor de mais.

★

KALU

Toada baião de Humberto Teixeira, gravada em Londres por Dalva de Oliveira, com Orquestra de Roberto Inglez

Kalu! Kalu
Tire o verde desses'óio de riba d'eu!
Kalu! Kalu
Não me tente, se você já me es-
[queceu...

Kalu! Kalu
Êsse oiá, depois do que assucedeu!
Cum franqueza, só n'um tendo co-
[ração,

Fazer tal judiação.
Você tá «mangando» d'eu!...

★

MOMENTOS DE AMOR

Bolero de Armando Domingues e Silvio Caldas, gravação de Jorge Goulart

Num instante divino
Num instante de amor
Prêso aos teus encantos
Ficou meu coração
Ainda quando êsse instante
Que vai sempre adiante
Meu caminho a guiar.
Quando sinto meu bem
Que êste amor tenha que terminar

Eu te juro meu bem
Está de luto meu coração
Não entendo que coisas
Tão lindas assim
Tenham que terminar

Os momentos,
Os momentos divinos
Cheios de paixão
Nesta alucinação
Onde queira que eu vá
Te sinto amor
Não te esqueças de mim
Que de ti não esquecerei
Depois de um fracasso do amor
Sòmente resta recordar
Mas que posso fazer
Se assim manda o coração?

★

MINHA CASA

Baião de Joubert de Carvalho, gravado por Adelaide Chiozzo

Foi um dia de tristeza
Que a cidade abandonei
Sem saber o que fazer
Na esperança de encontrar
Pela vida algum prazer
Alegria em algum lugar

Lá no alto da Tijuca
Tem um sítio bem florido
Onde agora estou morando
Com os pssaros em festa,
De galha em galho cantando
A dentro pela floresta

Minha casa é tão bonita
Onde dá gôsto a gente ver
Tem varanda, tem jardim
Ainda agora estou esperando
Uma rêde para mim
A embalar de quando em quando

Minha casa é uma riqueza
Pelas jóias que ela tem
Minha casa tem tudo
Tanta coisa de valor
Minha casa não tem nada,
Vivo só, não tenho amor.

★

ONDE ESTÁS AMOR?

Samba-canção de José Maria de Abreu e Antônio Domingues, gravação de Orlando Corrêa

Onde estás, amor?
Que não respondes.
Onde estás amor
Por que te escondes?
Das mensagens mandadas,
Sequer
Respondeste.
Imagino enfim
Que, cansada de mim,
Me esqueceste.
Não lembras com saudade
Os nossos beijos?
Nem vibram mais em ti
Loucos desejos?
Volta logo porque não suporto,
A paixão que me devora
Onde estás amor?
Responde agora.

SABES MENTIR

Bolero de Othon Russo, gravado por Ângela Maria

Sabes mentir
Hoje sei que tu sabes mentir
Um falso amor
Abrigaste meu coração
Sempre a iludir
Tu falavas com tanto ardor
Dessa paixão que dizias sentir.

Mas tudo agora acabou,
Para mim terminou a ilusão
Hoje êsse amor já mudou
E amar para que amar!
Sempre a iludir
Tu beijavas com atenção
Sempre a fingir uma falsa emoção.

★

QUANTO TEMPO FAZ

Samba de Paulo Soledade e Fernando Lôbo, gravado por Nora Ney

Quanto tempo faz
Do dia da nossa briga
Que redundou em intriga
Fracasso, desunião
Quanto tempo faz
O tempo passa depressa
Fica bem longe a promessa
Bem perto a desunião

Você contou seus segredos
E eu também contei os meus
E depois num desatino
Você transformou meu destino
Eu queria saber
Quanto tempo faz
Mas não sei contar nos dedos
Pois já faz tempo demais.

★

FIM DE COMÉDIA

Samba-canção de Ataúlfo Alves, gravado em Londres por Dalva de Oliveira, com Orquestra de Roberto Inglez

Dêste amor, quase tragédia
Que me fêz um grande mal,
Felizmente essa comédia
Vai chegando ao seu final...
Já paguei todos pecados meus
O meu pranto já caiu demais;
Só lhe peço, pelo amor de Deus;
Deixe-me viver em paz!

Não quero me fazer de inocente
Porém não sou tão má
Como disseram por aí
Eu quero é meu sossêgo, tão sòmente:
cada um trate de si.

★

CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM

Rancheira de Pedro Caetano e Carlos Barroso, gravação dos Vocalistas Tropicais

Morena boa lá de Cachoeiro
Rio de Janeiro tem mulher assim.
Mas do que vale ter mulher sobrando
Você morando longe de mim?
Morena boa se você não der
Um jeito e não vier
Correndo para mim
Eu abandono o Rio de Janeiro
E vou pra Cachoeiro de Itapemirim

Não sei se foi por infelicidade
Que a encontrei um dia em meu car-
[tinho
Eu tenho aqui mulher em quantidade
Mas a verdade é que eu estou sòzinho
E se você não embarcar depressa
Não sei morena o que será de mim
Eu abandono o Rio de Janeiro
E vou pra Cachoeiro de Itapemirim.

BRIGUEI COM VOCÊ

Samba-canção de Hianto de Almeida e Haroldo de Almeida, gravado por Carlos Augusto

Briguei com você, amor
Sem motivo e peço perdão
Pois o meu coração
Já não suporta tanta dor
Briguei com você, amor
E a razão não sei mesmo explicar,
Eu lhe amo com ardor
Por isso peço, pra voltar

Talvez tenha sido o ciúme
A causa da transformação,
Talvez tenha sido o ciúme
A causa da separação,
O ciúme nasceu do amor
Quem ama é um sofredor.

★

PECADO

Bolero de Miguel Ângelo Valadares, gravação de Gregório Barrios

Pecado
Que cometi porque te quiero
Porque te adoro y te venero
Aunque te deba de olvidar
Tragédia
Que ronda siempre mi camino
Pero son cosas del destino
Que no se puede remediar
Pecado
Pecado
Que me consume la existencia
Y que será mi perdición
No importa
Igual te seguiré queriendo
Aunque que oponga la razón.

★

EU SOU O BAIÃO

Baião de Humberto Teixeira, gravação de Carmélia Alves

Ê ê bá
Ê ê bá
Ê ê bá
Companheiro eu sou do Norte
Eu vim lá do Ceará
És o samba?
Não e não
E' o frevo?
não e não
És o shotis?
Não, não, não
Balanceio?
Também não
Então diga me diga me diga
Que nome tens então?
O meu nome é baião

Sem raracá
Sem calunga
Sem tambor
De macumba
O forte está no zabumba
E no passo miúdo
Batido no chão
Eu vou mostrar outra vez
Pra vocês como é
Que se dança o baião.

★

SE VOCÊ SE IMPORTASSE

Samba de Peterpan, gravação de Dóris Monteiro

Se você se importasse
Com meu triste viver
Se você se importasse
Com o meu padecer
E me compreendesse
Tão feliz eu seria
Se você se importasse
Com a minha agonia

Tudo quanto padeço
E esquecer não consigo
Eu talvez esquecesse
Se você se importasse
Um pouquinho comigo...

RÁDIO NOVELA de JOSÉ FERNANDES

AS ROSAS de MARIA ANGÉLICA

CAPÍTULO II.º

Quando Maria Angélica nasceu, havia pouca esperança de que continuasse a viver. Era muito fraquinha e quase nem tinha fôrças para chorar. Foi batizada no mesmo dia, e seus padrinhos foram o Padre Luís e Nossa Senhora das Graças. Apesar de todos esperarem a sua morte a qualquer instante, a menina venceu o primeiro dia, o segundo, o terceiro... e uma semana se passou.

....

RAIMUNDA (Esperançosa) — Parece que a menina vai longe, "seu" Mendes.

MENDES — E'... Deus o permita. Mas está muito fraquinha, não?

RAIMUNDA — Isso é assim mesmo. Criança, quando nasce, costuma passar os primeiros dias com muita dificuldade. Eu achava que esta não ia nem esperar o batismo...

MENDES — (Místico) — Talvez tenha sido por isso, "seá" Raimunda.

RAIMUNDA — Quem sabe? Nossa Senhora das Graças é muito milagrosa...

MENDES — E eu acredito que tenha havido um milagre, porque a menina estava pràticamente morta. Mais parecia uma bonequinha de cêra... E depois... começou a mover os bracinhos, as côres lhe foram voltando, e agora já temos esperança de vê-la salva.

RAIMUNDA — Ela vai escapar, sim. O perigo está passando.

MENDES — Eu ficaria muito triste se ela morresse. Já tenho um casalzinho. Mas queria outro... uma menina... e ela veio. Sempre desejei dar um afilhado a Nossa Senhora das Graças, mas a Malvina sempre se opos... (Preocupado) — Ela anda muito esquisita de uns tempos para cá, "sea" Raimunda...

RAIMUNDA — E'... eu tenho notado. Até comigo mesmo ela está diferente. E fui eu quem a trouxe ao mundo, "seu" Mendes, fui eu. Enfim... que se há-de fazer? Bem, vou lá dentro cuidar da casa. Precisa arranjar uma criada, "seu" Mendes. Eu não posso ficar aqui tôda a vida...

MENDES (Contrafeito) — Sim, preciso... mas deixe as coisas melhorarem um pouco, "seá" Raimunda.

RAIMUNDA — Hum... está dizendo isso há quanto tempo?

MENDES (Tentando sorrir) — Não sei o que seria da gente, se não fôsse a senhora. Mas agora eu vou melhorar a minha situação, eu vou...

RAIMUNDA — Já sei... vai aumentar a loja, contratar empregados, reconstruir a casa e nem sei mais o que! Há quanto me diz isso, "seu" Mendes? Olhe, quer saber de uma coisa? Vá ver os seus negócios, que eu preciso ir cuidar da casa!

MENDES (Sorri) — Uma boa alma, a velha Raimunda.

....

MENDES (Carinhoso) — Como está, Malvina?

MALVINA (Enfraquecida — Mal humorada) — Mais ou menos.

MENDES — Ah. E ela?

MALVINA — Agora está dormindo. (Vê que êle vai pegá-la) — Não, Mendes, deixe a menina dormir.

MENDES (Sem se alterar) — Eu não vou acordá-la, Malvina, quero apenas pegá-la um pouquinho...

MALVINA — Agora mesmo ela acorda e não deixa a gente ficar sossegada.

MENDES (Humilde) — Está bem, não precisa ficar zangada.

MALVINA — Basta o aborrecimento que os outros já nos dão.

MENDES — Êles são até muito bonzinhos. Você exagera... Não dão trabalho, passam o dia todo lá no quintal, brincando...

MALVINA — Ora!

MENDES (Com jeito) — Você precisa ser mais tolerante, Malvina. Êles são pequenos, não entendem. Acho que a menina vai escapar, não é mesmo?

MALVINA — Não sei... Talvez. Você fêz muito mal em ter escolhido o padre Luís para padrinho.

MENDES — Por que? E' tão boa pessoa e nos estima muito...

MALVINA — Não é isso... é que... não vai dar certo. A menina vai crescer com êsse espírito de religião, e não demora muito, o padre Luís vem dizer que ela deve ser irmã de caridade.

MENDES (Assobrado) — Malvina, isso é u mabsurdo! Você não sabe o que diz! Quer dizer que... que você não quer que a menina seja religiosa, que acredite em Deus...

MALVINA (Impacinte) — Você não me compreendeu, Mendes! Não é isso o que eu quero dizer, que coisa!

MENDES (Cái) — Está bem, não precisa se alterar. Não vou ficar magoado com você. Sei que está enfraquecida...

MALVINA — Não tem trabalho êstes dias?

MENDES — Não... muito pouco. Não quero deixá-la sòzinha, enquanto estiver de resguardo.

PADRE LUÍS — São bem comportadinhos, não?

MENDES — Sim... isto é... a Luzia é muito quietinha, mas o Rafael é levado como nunca vi! Mas são bons e quase não dão trabalho.

PADRE LUÍS — Bem, tenho que ir agora... Não precisa incomodar a dona Malvina. Voltarei depois.

MENDES — Ainda é muito cedo, padre Luís.

PADRE LUÍS — Não. Já são quase seis horas e... Oh! Mendes, e êste relógio, não funciona mais?

MENDES — Não. Já dei corda, mas êle não quer andar.

PADRE LUÍS — Interessante! Você se lembra de que êle parou na hora em que a Maria Angélica nasceu?

MENDES — Sim... às 10 horas...

PADRE LUÍS (Enigmático) — A que você atribui isso, Mendes?

MENDES (Não pescou) — Não sei... algum defeito no maquinismo, não?

PADRE LUÍS (Pensativo) — Não sei. Talvez... talvez.

....

Para o pai de Maria Angélica, aquêle incidente com o relógio nada significava. Talvez um desarranjo no maquinismo... Mas não foi assim que o interpretou o virtuoso Padre Luís. Ligando os fatos, o bom sacerdote compreendeu que ali havia algo mais forte do que o simples acaso. Chegando em casa, bastante impressionado...

CRIADA — O jantar está na mesa, Padre Luís.

PADRE LUÍS — Sim, já vou. Ana... estou muito preocupado com aquela menina do Mendes... a que nasceu outro dia...

CRIADA — Por que? Não vai escapar?

PADRE LUÍS — Não, não é isso. E' que... a menina, quando nasceu, estava muito fraquinha, e a gente perdeu logo a esperança de vê-la sobreviver.

CRIADA — E'... o senhor me contou.

PADRE LUÍS — Foi batizada às pressas, e a madrinha foi Nossa Senhora das Graças. Depois, como que por milagre, ela começou a se desenvolver, a adquirir novas côres, e agora está pràticamente salva. Se você a tivesse visto, Ana, não daria nada por ela. Era um trapinho de gente, que nem fôrças tinha para chorar!

CRIADA — E'... esquisito isso. Venha jantar, Padre Luís, está esfriando.

PADRE LUÍS (Sem se importar) — ... e aquêle incidente com o relógio também me deu muito que pensar. Ana, tenho o pressentimento de que algo extraordinário está para acontecer. Eu o sinto. Tenho tido sonhos estranhos, nos quais aparece a figura de Maria Angélica, já crescida e transformada numa santa!... E isso, depois de ter sofrido muito, depois de haver sacrificado a vida por um ideal sublime!...

A CENA MUDA — 12-9-52 — Pág. 31

MALVINA (Agressiva) — E a nossa situação, Mendes? E as contas do fim do mês? (Irônica) — Vai enviá-las para o padre Luís?

MENDES — Faço isso por você, Malvina. Pensei que você fôsse ficar contente comigo aqui ao seu lado...

MALVINA — Pois fique! Mas, depois, quando os credores começarem a bater na porta, não me mande dizer que não está em casa. E não se esqueça de que já estamos com o aluguel atrasado, e o celeiro está se esvaziando. Fique! Tome a menina nos braços e admire-a à vontade!

MENDES (Arrasado) — Você está donte, Malvina, não é possªvel. (Triste) — Você não era assim... Que aconteceu? Fiz alguma coisa que não devia? Eu não fiz nada de mais!

MALVINA — Pois é por isso mesmo. Você não fêz nada. Temos vivido sempre na miséria, passando necessidades.

MENDES — Tenho sido um bom marido, Malvina. Nunca faltei com o amor a você e a nossos filhos...

MALVINA — E isso basta? Precisa fazer alguma coisa, Mendes... e não ficar o dia inteiro rodeando a gente!

....

MALVINA (Raiva) — Está vendo? Era isso o que você queria. Agora tome conta! (Mais para si mesma) — Não se pode ter um minuto de descanso!

RAIMUNDA (De longe) — O padre Luís está aí, seu Mendes. Mando entrar?

MALVINA — Vá lá para fora, Mendes, e diga ao Padre Luís que estou dormindo e não quero ser incomodada.

....

MENDES (Suspiro) — Não sei como vai ser, Padre Luís, a Malvina tem me preocupado muito...

PADRE LUÍS — E'... deve ter acontecido alguma coisa. Ela não era assim, eu me lembro.

MENDES — Está cada vez pior. Começo a prever um futuro muito triste para os nossos filhos. Esta menina, principalmente, vai sofrer muito.

PADRE LUÍS — Tenho a impressão de que esta vai sair diferente dos outros.

MENDES — Como assim?

PADRE LUÍS — Não sei explicar bem. Tem uma maneira diferente de olhar, e parece que já compreende alguma coisa. Quando se fala com ela tem-se a impressão de que ela está ouvindo e querendo responder...

MENDES (Sorrindo) — E' muito novinha ainda, Padre Luís...

PADRE LUÍS — Mesmo assim. Há crianças que adquirem muito cedo o entendimento. E os outros, onde estão agora?

MENDES — Devem estar lá no quintal. Brincam o dia inteiro.

QUANDO FALA O CORAÇÃO

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

... só mesmo retirando da estante a "Bíblia da Vida" e extrair dela os pensamentos de homens e mulheres célebres sôbre o amor — essa gôta celeste que os deuses deitaram no cálice da vida para tirar-lhe o amargor. Além de recrear o espírito, conforta e faz-nos admirar ainda mais êsse sentimento que brota instintivamente dos nossos corações. Eis aqui algumas definições do amor, para as quais chamo a atenção de todos os meus sobrinhos, que procuram nesta página de A CENA um pouco de encantamento e de bálsamo para as feridas do coração:

— Amor é um não sei que, que surge de não sei de onde e acaba não sei como. — Madame Scuderi.

— Não conhecer o amor é não conhecer a vida! Há nada igual à união de duas almas que se adoram? Desde que o amor entra no coração, tudo se transforma, tudo muda, a noite parece dia, a dor assemelha-se ao prazer. — Machado de Assis.

— Bendito amor o das mulheres, que acompanha, na velhice e para além da própria morte, aquêles que um dia souberam encantar-lhes o coração e a fantasia. — Júlio Dantas.

— O amor e a razão são dois viajantes, que nunca vivem juntos na mesma hospedaria: quando um chega, parte o outro. — Walter Scott.

— O amor é o mais difícil problema da vida, porque não se pode realizar senão pela união de duas vontades. — A.P. Lopes de Mendonça.

— O amor não pensa, não calcula; o amor é todo misericórdia, é um sacrifício, dá vida, não mata, não extermina. — Visconde Taunay.

— O amor é um sentimento tirânico e zeloso, que sòmente se satisfaz quando a pessoa amada lhe sacrifica todos os seus gostos e tôdas as suas paixões. Nada se faz, se não se faz tudo. — Ninon de Lenclos.

— O amor não é um simples impulso do instinto; é uma ciência da alma, a mais divina e a mais rara. — Maria Amália Vaz de Carvalho.

— Raramente o primeiro amor é verdadeiro, como raramente o primeiro livro de um autor é verdadeira expressão do seu gênio. — Mantegazza.

— Amor há um na vida; e muitas vêzes não chega para êle a existência inteira. — A. A. Teixeira de Vasconcelos.

— O amor, coisa insignificantíssima, é, de tôdas, a mais séria da vida. — F. Wey.

— Um dos maiores segredos para ser amado é agradar e divertir; tantos corações se enternecem pela alegria como pelas lágrimas. — Madame de Sartory.

Creio, queridos sobrinhos, que êsses pensamentos que estão aí em cima, além de recrear-lhes o espírito, poderão ajudá-los a resolver pequenos problemas do amor, dada a influência que, fatalmente, exercerão sôbre vocês todos que me distinguiram com a sua atenção.

TIA LAURA..

DESILUDIDA — (S. Paulo) — Embora você não saiba, está se prejudicando justamente por se mostrar tão humilde. Procedendo dessa maneira, êle pensa que você está mendigando seu amor e acaba por maltratá-la com palavras grosseiras. Faça um pouco de sacrifício e finja que não lhe dá importância, assim êle verá que não é um "deus" e a tratará como deve e como você merece.

★

ARLINDO — (Estado do Rio) — O que você deve fazer é contornar a situação de maneira que haja um equilíbrio de dedicação e amor entre as duas. Pois não é justo que você menospreze sua mãe por sua espôsa e vice-versa. Conforme o que me conta na sua cartinha, você acredita que sejam os ciúmes de sua mãe a causa dessas constantes discussões. Não, meu caro Arlindo, o que há isto sim, é o amor e a dedicação cada vez maiores de sua extremosa mãe e que sua espôsa está supondo que ela lhe quer tirar os seus direitos. O que resta você fazer, é aconselhá-la e fazer-lhe ver estas pequeninas coisas para que vocês três possam viver numa perfeita harmonia.

★

APAIXONADA — (S. Paulo) — Não, meu bem. Você não deve sacrificar tôda uma vida por causa dêsse rapaz. Faça ver-lhe que um casamento "por pena" não poderá dar certo de maneira alguma. Pois mais tarde, vocês chegarão à conclusão de que foi um casamento inútil. Pense bem enquanto há tempo. Você ainda não encontrou seu príncipe encantado. Espere mais um pouco, pois você é muito jovem ainda.

RÁDIO-SOCIAL

MAIS UM...

Marilena Alves, agora em evidência na Rádio Clube do Brasil, já está com o enxoval quase pronto. Géber Moreira, seu noivo, está felicíssimo Breve, êles irão ao padre.

POR ENQUANTO, NÃO

Em que pesem os boatos em contrário, Mildred Santos, estrelinha da Tupi, ainda não fêz as pazes com Aldo Viana, seu marido, que trabalha pertinho dela, na Televisão. Enquanto isso, muita gente está esperançosa de conquistar o coração da "mignon" rádio-atriz do "Cacique".

AMIGOS, APENAS

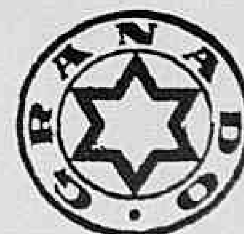
Dóris Monteiro e Lúcio Alves não estão de namôro ferrado, como querem alguns maldosos. Mesmo que a cantora quisesse Mamãe Monteiro, que sempre a acompanha, numa vigilância que chega a ser cacête, não deixaria...

RUI VIOTI VAI CASAR

Outro que irá ao padre brevemente é o rádio-ator, locutor, narrador, camera da TV e animador de programa (uff!) Rui Vioti. A pequena não é de rádio e, para o Rui, isso é muito bom.







JOÃO FREY

O FÃ PERGUNTA...

(Cont. da pág. 20)

José Carlos (Distrito Federal) — "... por que Bibi Ferreira não se dedica ao cinema? E' certo que ela recusou fazer carreira na Inglaterra?"

R. — Bibi prefere o Teatro, mas acreditamos que se lhe oferecessem bons papéis no cinema ela os aceitaria. Apenas a talentosa atriz não quer mais se expor ao ridículo de filmes como "Almas Adversas", que ela fêz com Fregolente. Quanto à sua segunda pergunta, é realmente certo que Bibi recusou continuar filmando na Inglaterra, em vista de seus compromissos teatrais no Brasil. Aliás, todo o êxito da película inglêsa "O Fim do Rio", que ela fêz com Sabu, residiu no desembaraço artístico de nossa patrícia.

C. Oliveira (S. Paulo) — "... quais os títulos das canções que Marlene Dietrich canta em "Foreign Affair"?"

R. — Marlene canta "Black Market", "Illusions" e "Ruins of Berlin", tôdas de Frederik Holiander.

Ivone (Taubaté) — "... qual o enderêço de James Mason?"

R. — Escreva para Mason endereçando: C/o Screen Actors Guild, 7046, Hollywood Boulevard, Hollywood.

J. L. Pereira (Distrito Federal) — "... José Lewgoy é brasileiro?"

R. — Brasileiro, no duro. Nasceu no Rio Grande do Sul.

Pedro Paulo (Distrito Federal) — "... Dolores del Rio é casada?"

R. — Dolores há muito que se divorciou de seu primeiro e único marido, Cedric Gibbons. Êsse senhor trabalha para a Metro há mais de 20 anos como diretor-artístico. Preste atenção na relação de técnicos em qualquer filme daquela companhia que você encontrará sempre o nome dêle.

OBRIGADOS A...

(Cont. da pág. 7)

Kelly tem estado a "falar" com os pés desde então. Seu trabalho em "Pal Joey", outro musical da Broadway, foi-lhe a chave para Hollywood. Aí, êle contou a história de um pracinha melancólico dançando com um esfregão, em um de seus primeiros papéis dançantes — em "A Filha do Comandante". Depois êle nos falou de um rei egoísta e um camondongo de desenho em "Marujos do Amor", um trucidamento na Décima Avenida em "Minha Vida é uma Canção" e o inesquecível "Alter Ego" em "Cover Girl". O deslumbrante "ballet" em seu recente "Sinfonia de Paris" contou ainda outra história: a grande desilusão de um artista apaixonado.

Agora, neste seu último musical em Technicolor — "Cantando na Chuva" (Singin' in the Rain) — Gene Kelly em novos e espetaculares números, "vivendo" a alegria ruidosa e despreocupada da velha Hollywood, numa história que retrata a transição do cinema silencioso para o falado. Donald O'Connor, Debbie Reynolds, Jean Hagen, Millard Mitchell e Cyd Charisse compartem honras estelares na deliciosa produção.

DALVA DE OLIVEIRA...

(Cont. da pág. 27)

populares casas de diversões do grande país norte-americano.

Quisemos saber, então, por que Dalva de Oliveira não atuara em Paris. Ela não se fêz de rogada:

— Fui apenas a passeio à capital francesa. Em março do ano que vem, entretanto, espero lá voltar, a fim de realizar uma série de apresentações na "boite" Nova Eva. O contrato já está assinado.

CASOU-SE EM MONTMARTRE, NO RELIGIOSO

Um curioso pergunta:

— Mas você só foi a Paris a passeio?

Dalva não encabula e responde:

— Só a passeio, não. Fui, também, para contrair núpcias com o Tito Clement.

Ao ser anunciado o evento, a multidão prorrompeu em aplausos. Dalva agradeceu e, depois, continuou:

— Casamos, no religioso, na igreja de Montmartre, em Paris. Brevemente, embarcaremos para o Uruguai, a fim de que, em Montevidéu, possamos legalizar a nossa situação no civil.

NOVIDADES PARA OS CARIOCAS

Dalva inicia a saída do armazém 2 do cais do Pôrto. A multidão, como um mar revôlto, parece querer tragá-la, para festejá-la a seu modo. Manoel Barcelos, Ataulfo Alves e êste repórter porém, conseguem livrá-la, entretanto, dos admiradores mais ardorosos, para que a sua roupa não fosse rasgada novamente, como aconteceu com a sua blusa.

Enquanto lá fora uma bandinha executa alguns números, como a anunciar o retôrno da popular cantora à cidade que a admira, — sinal evidente de que a turma já se preparava para acompanhar o carro da estrêla, num cortejo monstro — fizemos a última pergunta a Dalva:

— E' verdade que você nos trouxe duas grandes novidades?

— Novidades de cantora, explique-se. São duas bonitas melodias em ritmo de "beguin", que se intitulam "Apaixonadamente" e "Lua Tropical".

Depois, não foi possível perguntar mais nada. O carro da cantora partiu e, atrás, a massa de admiradores, fazendo côro com a bandinha, interpretava uma de suas músicas de sucesso, à guisa de saudação pelo seu regresso vitorioso.

BRANDÃO FILHO...

(Cont. da pág. 23)

pés de uma atriz e dizia, com a voz embargada pelos soluços, "Minha mãe!", a casa quase vinha abaixo, de tantas gargalhadas...

Em seguida, indagamos-lhe como havia entrado para o rádio.

— Ingressei na radiofonia graças ao convite que Vitor Costa me fêz, em 1942, para fazer uma ponta na novela "Em busca da felicidade", percebendo o "cachet" de cinquenta cruzeiros.

— Desde então você trocou a riballa pelo microfone, não é verdade?

— Sim, pois, modéstia à parte, o meu papel — o de "Mão leve" — agradou tanto que o mesmo se estendeu até o fim da mencionada novela.

Depois, vieram novos papéis em outras novelas, novos programas, tais como "Alma do sertão", "Tancredo e Trancado", "Coisas do arco da velha", "Piadas do Manduca" e êsse impagável "Edifício balança, mas não cai", um dos campeões de audiência do "broadcasting" carioca, onde, entre outros, Brandão Filho vive de maneira notável a figura do "Primo pobre", sempre espezinhado pelo "Primo rico".

BRANDÃO E O CINEMA

Brandão Filho já emprestou o seu concurso ao cinema brasileiro, tendo feito a sua estréia em "O bôbo do rei", ganhando duzentos cruzeiros para fazer uma sequência. Trabalhou, ainda, em "O dia é nosso", ao lado de Oscarito, e em "Inconfidência Mineira", fazendo um nobre.

— Pretende tomar parte em outras películas? — perguntamos.

— No momento ando assoberbado de serviço, aqui na Nacional, porém, se algum produtor me fizer uma proposta interessante, arranjarei um jeitinho de não recusá-la.

A cigarra do estúdio tocava incessantemente. Era o contra-regra que chamava os intérpretes do "Balança". Brandão, incontinente, agarrou Dona Maria da Penha, sua espôsa, que sempre o acompanha, e foi, célere, cumprir a sua missão de fazer os outros esquecerem das agruras da vida.

CINE-CRÍTICA...

(Cont. da pág. 20)

voz agradável a um talento inato para a comédia; Rute de Souza, outra que espera sua vez; Luísa Barreto Leite, com sua personalidade inconfundível; Gilda de Abreu, que tanto tem feito pelo cinema nacional; Dinah Mezzomo, Ângela Fernandes, Marly Sorel, Margot Bittencourt, e quantas mais, que seria longo enumerar.

Restam, por fim, as "cometas", que só aparecem de tempos em tempos para aumentar as saudades, pois também têm compromissos com o rádio, o teatro e a televisão; são, entre outras, Marlene, Emilinha Borba, Wahyta Brasil, Laura Suarez, Mara Rúbia, Jane Grey, Aimée, etc.

Muita gente nova vem surgindo, entretanto; não só do Rio como de outros Estados também, aparecem jovens desejosas de tentar a sorte no cinema. Umas vencerão em tôda linha, outras com brilho mais discreto, e outras fracassarão. Mas a ambição é igual; o desejo de vencer, a vontade de triunfar é a mesma. E isso é o principal, pois é o que vai, lenta e seguramente, formando a via-láctea do cinema nacional.

O PÁRIA DAS...

(Cont. da pág. 8)

mano, indígenas, velhos, crianças e, finalmente, com os grandes atores que êle tinha a mão, que, de tão bons, atingem, por momentos, às raias do exagêro.

Trewor Howard, atuando sempre sóbria e discretamente em papéis sempre sóbrios e discretos, aparece, pela primeira vez, fazendo um grande papel numa grande atuação. Kerima, apesar de não falar e de uma grande expressividade e de uma estonteante beleza. Os outros, Ralph Richardson, Robert Morley (um dos maiores atores do palco inglês) e George Couliuris, não ficam em plano inferior a Trewor.

A história, adaptada de um romance de Joseph Conrad, como é habitual em Reed, não é lá grandes coisas. Mas é justamente no tratamento que Carol Reed põe todo o seu conhecimento e arte. Constrói com meios cinematográficos específicos, situações intensamente dramáticas, com fôrça quase superior ao próprio Teatro.

A fotografia é discreta, pintando com muita plasticidade o ambiente e atmosfera. A partitura musical, entretanto, é fraca. Mas Reed compensou-a com um inteligente uso de ruídos naturais, canções e batuques típicos, que deram à obra grande fôrça e côres locais e documentárias.

VIDA DE ARTISTA

(Cont da pág. 19)

Wayne sofreu uma grande decepção quando, após prestar exame e ser aprovado na Academia Naval de Anápolis, deixou de ingressar na mesma apenas por uma cabeça, pois o número de vagas existentes naquela academia parava justamente no rapaz que estava na frente dêle. Uma carreira naval tinha sido a sua ambição desde menino e, para esquecer essa decepção e falta de sorte, embarcou num transatlântico rumo à Honolulu. Após essa breve escapulida êle trabalhou como chofer de caminhão, geleiro, e consertador de fios telefônicos.

Devido a ter sido um "ás" do futebol nos seus tempos de colégio e campeão de debates, êle conseguiu uma "bôlsa de estudos" na Universidade do Sul da Califórnia. Êle se tornou um astro dos desportos assim como um homem de grandes atividades e membro da fraternidade "Sigma Chi".

Naqueles tempos era costume dos atletas escolares trabalharem durante as férias de verão nos estúdios cinematográficos fazendo trabalhos pesados que os colocavam em condições físicas para a estação de futebol. John Wayne obteve emprêgo como operário na Fox, para trabalhar nos cenários de um filme de John Ford. O que é mais curioso é que o operário e o diretor logo se tornaram muito amigos e a sua amizade atualmente é uma das coisas mais importantes na vida de cada um. Raoul Walsh estava nesse tempo a procura de um tipo alto, para interpretar o papel de um jogador no filme "The big trail". Ford induziu-o a ir conhecer o seu alto e forte operário e isso foi o que lançou Wayne na carreira cinematográfica. Foi Winfiel Shecham, então diretor da Fox, que trocou o seu nome de "Duck Morrison" para John Wayne.

O astro de "Estranha Caravana" teve dois dias de folga antes do filme ser iniciado e aproveitou êsse tempo contratando um professor de arte dramática para ensinar-lhe como desempenhar o seu papel. Raul Walsh teve depois que passar mais de dois dias desfazendo o trabalho que o professor lhe havia ensinado, livrando-o das gesticulações e atitudes dramáticas que aquêle lhe administrara. John não teve desde então mais nenhuma lição de arte dramática, e a sua naturalidade peculiar é a chave do seu sucesso como ator. "The big trail" não obteve muito sucesso e Wayne começou a aparecer em filmes de menos importância. Êle tornou-se o primeiro "cow-boy cantor" na série de filmes intitulados "O Cantor Sam", entretanto êsse gênero de películas não possuia nenhuma atração naquele tempo. Em 1938 a Republic contratou-o para desempenhar o principal papel de "Os Três Mosqueteiros", um filme seriado, e o público gostou dêle.

Algum tempo depois, Walter Wanger contratou John Ford para dirigir "Stagecoah", cuja história havia obtido um tremendo sucesso na revista "Colliers". Ford convidou Wayne a passar o fim de semana com êle no seu iate e êles ficaram todo o tempo lendo o "script" e falando sôbre o referido filme. — "Quem você acha que deveria viver a figura de "Ringo Kid", John?" — indagou Ford. Wayne prontamente respondeu — "Lloyd Nolan".

Pacientemente, Ford explicou que êle tinha outro nome em mente e quando Wayne descobriu que êsse nome era o dêle, por pouco não desmaiou.

A película foi um grande sucesso e John Wayne atingiu ràpidamente o zênite. Êle atuou desde então numa longa lista de grandes películas, tanto na Republic como sob empréstimo para outras companhias.

Há um ano atrás a Republic concordou em deixá-lo experimentar sua mão como produtor e "O Anjo e o Malvado" foi o feliz resultado dessa prova. Outros grandes projetos estão sendo planejados por êle neste momento e Hollywood nutre um grande respeito pelas suas habilidades.

Êsse notável astro é casado com a antiga estrêla do cinema, Esperanza Bauer, e o casal habita um lindo rancho em San Fernando Valley. Os mais recentes filmes da Wayne para a Republic foram "O Rastro da Bruxa Vermelha", "Iwo Jima", "Estranha Caravana", "Rio Bravo" e agora "The Quiet Man", com o qual se tornou o mais forte candidato ao "Oscar" da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, como o "melhor intérprete do ano".

OS BONS FILMES...

(Cont. da pág. 11)

«ROMANCE PROIBIDO» (Une Histoire d'Amour) — Maravilhosa história de dois jovens que se amavam apaixonadamente... Mas, como quase sempre acontece, os pais não viam com bons olhos aquêle amor, que era mais poderoso do que a vida e mais duradouro do que a morte... Protagonizado por. Daniel Gelin, Dany Robin e Louis Jouvet. Direção de: Guy Lefranc. Diálogos de: Michel Audiard. Fotografia de: Louis Paye.

QUÊDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
Juventude Alexandre
BELEZA e VIGOR DOS CABELOS
INSUPERÁVEL
Há cinqüenta anos



D O I S   E S T R E A N T E S

James Lilburn, irmão da atriz Maureen O'Hara, e Marissa Pavan, irmã gêmea da atriz italiana Pier Angeli, e que estão participando de papeis importantes do filme da "Fox" em tecnicolor "Os Miseráveis". O jovem Lilburn, cujo nome verdadeiro é Fritsimons, adotou o nome de solteira de sua genitora para as apresentações cinematográficas em que toma parte.

ALBUM DE

a Cena Muda

PARA 1952

★ ★

AGUARDEM A GRANDE EDIÇÃO DO ÁLBUM DE A CENA PARA 1952

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. E muitas páginas coloridas, embelezam extraordinàriamente esta edição do "Álbum". Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. Estará à venda no fim de setembro em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior.

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA ★ RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 ★ RIO

